



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM**  
**LETRAS/INGLÊS**

**GABRIELLA AGUIAR PEREIRA**

**OS EFEITOS DA DEPRESSÃO EM *BARTLEBY, THE SCRIVENER*, DE**  
**HERMAN MELVILLE**

**JOÃO PESSOA**

**2024**

**GABRIELLA AGUIAR PEREIRA**

**OS EFEITOS DA DEPRESSÃO EM *BARTLEBY, THE SCRIVENER*, DE HERMAN  
MELVILLE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Letras-Inglês, da Universidade Federal da  
Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em Letras-  
Inglês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle Dayse Marques  
de Lima

**JOÃO PESSOA**

**2024**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

P436e Pereira, Gabriella Aguiar.

Os efeitos da depressão em *Bartleby, The scrivener*, de Herman Melville / Gabriella Aguiar Pereira. - João Pessoa, 2024.

57 f.

Orientadora: Danielle Dayse Marques de Lima.

TCC (Graduação) - UFPB/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Herman Melville. 2. *Bartleby*. 3. Depressão. 4. Melancolia. I. Lima, Danielle Dayse Marques de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:616.895

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sempre ter se mostrado presente durante toda a minha vida e nas horas que mais precisei. “Porque Ele vive, eu posso crer no amanhã” (Harpa Cristã, 545).

A minha mãe, Gerlane, que mesmo não estando mais em nosso mundo, concedeu-me a vida e espalhou o seu legado de bondade, de fé e de perseverança que muito me incentiva.

Ao meu pai, Gilmar, obrigada por nunca deixar nada faltar, por todo seu carinho e por sempre buscar investir na minha educação.

Aos meus tios, Gilberto e Sandra, que desde os quinze anos me criaram como filha. Obrigada por me “adotarem” e por me ensinarem a trilhar um caminho seguro nos estudos. Tia Sandra, a senhora é parte fundamental desta conquista, meu eterno carinho e gratidão por todos os ensinamentos, por todo amor e por toda a motivação ao longo desses anos.

A minha avó paterna, Zulmira, que ajudou a me criar no momento que eu e minha irmã mais precisamos, e que sempre nos incentivou a sermos mulheres independentes. Meus mais sinceros agradecimentos, vó.

A minha querida irmã de coração, Gabrielle. Gratidão por todas as conversas, desabafos e incentivos. Você ajudou-me durante todo esse processo, sempre acreditando na minha capacidade de ser melhor. Peço perdão por todas as noites que fiz você dormir de luz acesa para terminar a escrita deste trabalho.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Matheus, cuja ajuda mostrou-se constante e fundamental desde o início da minha graduação. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. A vida ao seu lado é muito mais bonita.

Aos meus familiares, nordestinos e cariocas: Avó Diolinda, Tia Geila, Tia Jeane, Felipe, Angélica, Lucas, Júnior, Grazielle, Isabela, Manuela e Sabrina. Meu eterno carinho por sempre tornarem os meus dias mais leves e felizes.

Aos meus queridos amigos e amigas, em especial à Leilane, Bárbara, Anna Júlia, Leila, Maria Gabriela, Henrique e Éllian. Vocês tornaram minha caminhada muito mais alegre e cheia de risadas.

A minha “gêmea” de curso, minha grande e inseparável amiga Isabel. Belzinha, nossa trajetória ficará eternamente marcada em nossas memórias. Sou grata por toda ajuda e por todo apoio durante esses anos de graduação. Levarei para sempre comigo a sua mais verdadeira amizade.

A Professora Danielle, minha querida orientadora e professora, que desde o início incentivou-me a estudar literatura, por meio da demonstração de sua grande paixão ao ministrar as aulas. Agradeço imensamente por toda a paciência e pelas valiosas contribuições, tanto acadêmicas como pessoais, ao longo da minha graduação.

Ao Literatrama e seus respectivos integrantes: Professora Danielle, Paulinha, Jorge, Isabel, Lisboa, Anna Karina, Cecília, Joyce, João, Maju e Rossana. Grupo que carrego no coração pelas conversas, pelas risadas e pelas reflexões propiciadas quinzenalmente aos sábados. Nossos encontros incentivaram grandemente as reflexões sobre as obras aqui discutidas.

A Professora Juliana, por conceder-me a oportunidade de atuar em meu primeiro projeto de pesquisa, por ter aprofundado grandemente o meu conhecimento na área de literatura e por apresentar-me o conto *Bartleby, the Scrivener*.

Ao Professor Pedro Groppo, pelos ensinamentos transmitidos nas aulas de literatura e pela valiosa contribuição de materiais que foram essenciais para a elaboração desta monografia.

A Professora Maria Aparecida, por todo conhecimento compartilhado nas aulas de Teoria do Texto Dramático e por ter aceitado o convite para participar da minha banca. Muito obrigada.

A Professora Flávia, que, mesmo eu nunca tendo sido sua aluna, aceitou a participar da minha banca. Sou profundamente grata.

A Professora Betânia Medrado, pela carinhosa participação como coordenadora do núcleo de Inglês da Residência Pedagógica, do qual tive o prazer de fazer parte como residente, e como professora das disciplinas de Pesquisa e de Estágio, sempre mostrando a importância de lutar por uma educação básica de qualidade para o nosso país.

Ao corpo docente da UFPB, que me auxiliou na construção de um senso crítico e na valorização da educação. Agradeço imensamente a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha graduação e contribuíram grandemente para o meu conhecimento nas mais diversas áreas. Levarei para sempre comigo os seus preciosos ensinamentos.

À Universidade Federal da Paraíba, minha mais sincera gratidão por ter sido meu lar acadêmico durante estes anos e por me proporcionar uma educação de excelência, abrindo portas para experiências enriquecedoras em pesquisa, extensão e internacionalização. Finalizo mais um ciclo, com a certeza de que venho me tornando um ser humano melhor.

Buscar trabalho pelo salário, nisso quase todos os homens dos países civilizados são iguais; para eles o trabalho é um meio, não um fim em si; e por isso são pouco refinados na escolha do trabalho, desde que proporcione uma boa renda. Mas existem seres raros, que preferem morrer a trabalhar sem ter prazer no trabalho: são aqueles seletivos, difíceis de satisfazer, aos quais não serve uma boa renda, se o trabalho mesmo não for a maior de todas as rendas.

Friederich Nietzsche, A Gaia Ciência.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os aspectos da depressão presentes no célebre conto *Bartleby, the Scrivener* (1853), do escritor estadunidense Herman Melville. A construção do protagonista e seu jeito enigmático oferece ao leitor a possibilidade de interpretá-lo a partir de variadas óticas, trazendo-o para a contemporaneidade, considerando que a narrativa aborda questões como a alienação do ser humano e o desenvolvimento de transtornos psíquicos ocasionados pelos moldes de trabalho do sistema capitalista. Bartleby constitui-se como um indivíduo que apresenta sintomas de uma melancolia que atinge profundamente o seu ser. Logo, para compreendermos a figura do escrivão sob a perspectiva da melancolia, traçamos considerações teóricas nos campos literário, científico e filosófico sobre a depressão, fundamentadas nas obras *O Demônio do Meio-Dia*, de Andrew Solomon e *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, nos textos *Luto e Melancolia* e *O Mal-estar na Civilização*, de Sigmund Freud, e no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5). Além disso, a análise do conto também se baseia no posicionamento crítico sobre a obra de Melville nos ensaios *Ah, Humanidade...*, de Xerxenesky, e *O vasto horizonte, a parede a frente*, de Ghirardi, uma vez que busca promover-nos uma reflexão de como a patologia psíquica afeta o protagonista, possibilitando uma releitura do conto adaptada à sociedade vigente.

**Palavras-chave:** Bartleby; Herman Melville; Depressão; Melancolia.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the aspects of depression present in the famous short story *Bartleby, the Scrivener* (1853) by American writer Herman Melville. The construction of the protagonist and his enigmatic demeanor offers the reader the possibility of interpreting him from various perspectives, bringing him into contemporary relevance, considering that the narrative addresses issues such as human alienation and the development of mental disorders caused by the work structures of the capitalist system. Bartleby is depicted as an individual who exhibits symptoms of a melancholy that profoundly affects his being. Thus, to understand the figure of the scrivener from the perspective of melancholy, we draw on theoretical considerations in the literary, scientific, and philosophical fields regarding depression, grounded in Andrew Solomon's *The Noonday Demon*, Byung-Chul Han's *The Burnout Society*, Sigmund Freud's essays *Mourning and Melancholia* and *Civilization and Its Discontents*, as well as the *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5). Furthermore, the analysis of the story is also based on critical positions regarding Melville's work found in the essays *Ah, Humanity...* by Xerxesky, and *The Vast Horizon, the Wall Ahead* by Ghirardi, as they seek to promote reflection on how the psychological pathology affects the protagonist, allowing for a reinterpretation of the story adapted to contemporary society.

**Keywords:** Bartleby; Herman Melville; Depression; Melancholy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 HERMAN MELVILLE: CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO</b>	
1.1 O contexto histórico: possibilidade e desilusão nos Estados Unidos no século XIX, o capitalismo industrial e a desumanização dos seres humanos	<b>11</b>
1.2 Contexto literário: Romantismo e Renascimento Americano	15
1.3 Escrita de Herman Melville	18
1.4 <i>Moby-Dick</i> e <i>Bartleby</i> : a procura de Melville por autenticidade	21
<b>2 A “MELANCOLIA” DE BARTLEBY, UMA EPIDEMIA NA SOCIEDADE</b>	
2.1 História da melancolia no Ocidente	<b>25</b>
2.2 Depressão à luz da psicanálise	28
2.3 Depressão à luz do trabalho	31
<b>3 BARTLEBY PELO VIÉS DA DEPRESSÃO</b>	
3.1 O cenário	<b>33</b>
3.2 O protagonista	38
3.3 <i>I prefer not to</i> e o vazio existencial	46
3.4 O fim	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A depressão apresenta-se como uma doença altamente difundida em nosso corpo social na atualidade. No conto *Bartleby, the Scrivener* (Bartleby, o Escrivão), escrito pelo notável autor estadunidense Herman Melville, publicado em 1853, percebemos, por meio da análise do protagonista - Bartleby - a presença de sintomas que caracterizam esse transtorno psíquico. A história, contada através do narrador, um advogado de meados do século XIX, proporciona uma descrição sobre a figura marcante do escrivão, aberta a múltiplas interpretações através do seu comportamento enigmático e da sua objeção em realizar todas as atribuições de seu cargo. Copiar mecanicamente e de forma silenciosa é a única ação que observamos no protagonista durante todo o enredo.

Sob essa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo explorar as características de Bartleby através dos aspectos da depressão, analisando o cenário e os comportamentos do escrivão que ratificam a presença desta patologia por meio de excertos da obra, dialogando com a atualidade, haja vista o aumento significativo desta enfermidade psíquica em nossa sociedade.

A metodologia utilizada na análise do conto de Herman Melville constitui-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico. Segundo Fonseca (2002), qualquer trabalho científico inicia-se através de uma pesquisa bibliográfica, a qual permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Diante disso, ela se configura como um método de extrema importância presente no meio acadêmico, posto que busca desenvolver e atualizar o conhecimento por meio da investigação científica de obras já publicadas.

Para conseguirmos conectar a personagem com os aspectos apresentados por um indivíduo depressivo, a estrutura do trabalho será organizada em três capítulos que buscam elucidar a temática, aplicando-a à figura do escrivão. No decorrer do trabalho, examinaremos o contexto histórico-literário no qual o conto se encontra, a vida e as principais obras do autor, bem como a produção literária que marcou sua trajetória. Além do mais, nos propomos a analisar, através de um estudo teórico, abordagens de cunho histórico, científico e filosófico no que tange à depressão e à sua aplicação à personagem de Bartleby.

Desse modo, o primeiro capítulo, dividido em quatro seções, inicia-se ao discorrer sobre o cenário singular dos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX. Na seção seguinte, dar-se-á a caracterização do contexto literário vigente na época, que assim como o cenário

histórico, esclarece dúvidas relacionadas à escrita e às temáticas trabalhadas pelo autor, tal como a abordagem de questões sociais, políticas e econômicas. A penúltima parte discorre sobre uma sucinta biografia da trajetória de Melville, assinalando eventos importantes da vida do autor, bem como algumas de suas obras. Por fim, a última seção promove uma breve síntese de seu aclamado romance *Moby-Dick* (1851) e do seu conto, *Bartleby, the Scrivener* (1853), obras que retratam a busca do autor por reconhecimento e por autenticidade.

No segundo capítulo, no qual consta o nosso referencial teórico dividido em três seções, nos propomos a realizar um estudo que servirá como embasamento para a análise da temática da depressão e suas relações com o conto. Sendo assim, a primeira parte visa discorrer sobre uma breve história da patologia, tendo como referência a obra *O Demônio do meio-dia* (2010), de Andrew Solomon e a sua abordagem na atualidade, através de uma concisa descrição sobre os sintomas descritos no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5). No que concerne à segunda seção, trataremos sobre duas obras do renomado psiquiatra Sigmund Freud, seu ensaio *Luto e Melancolia* (1917) e o texto *O mal-estar na Civilização* (1930), com o intuito de vislumbrar aspectos da depressão à luz das teorias psicanalíticas. Por último, nos propomos a refletir sobre o distúrbio na contemporaneidade, utilizando-se de conceitos da obra *Sociedade do Cansaço* (2016), de Byung Chul-Han, ressaltando a busca do filósofo em compreender as implicações que as novas formas de trabalho possuem no desenvolvimento de transtornos psíquicos.

No terceiro e último capítulo, iniciaremos a análise do conto *Bartleby, the Scrivener*, inspirada por dois ensaios *Ah, Humanidade...* (2023), de Antônio Xerxenesky e *O vasto horizonte, a parede a frente* (2023), de José Garcez Ghirardi. Ambos os textos se demonstraram fundamentais para refletirmos sobre Bartleby através dos aspectos da depressão. Dessa forma, o capítulo é dividido em quatro seções, iniciando pela análise do cenário e da personagem, trazendo a teoria abordada no segundo capítulo e suas relações com o conto e com o protagonista. Ademais, segue-se para uma reflexão sobre a sentença *I prefer not to* (Prefiro não), revelando o vazio existencial de Bartleby, e conduzindo-nos à última seção, que consiste em uma contemplação do seu melancólico fim. Logo, o presente trabalho visa propor uma reflexão sobre o escrivão, com o fito de elucidar as características presentes que ligam a personagem a um viés depressivo.

## 1 HERMAN MELVILLE: CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO, VIDA E OBRA

### 1.1 O contexto histórico: possibilidade e desilusão nos Estados Unidos no século XIX, o capitalismo industrial e a desumanização dos seres humanos

O século XIX foi marcado por intensas mudanças econômicas, políticas e sociais no território estadunidense. Após a *American Revolutionary War* [Guerra de Independência dos Estados Unidos] (1775-1783) e a *United States Declaration of Independence* [Declaração de Independência dos Estados Unidos] (1776), o novo país abandonou o status de colônia inglesa, refletindo em sua Constituição Federal, promulgada em 1776, as concepções liberais e iluministas, as quais prezavam o exercício da razão, assim como a liberdade e a igualdade dos homens. Nesse contexto, Berman (1992, p. 324, tradução nossa) afirma que a constituição se apresentava

Deísta em sua referência à Natureza e ao Deus da Natureza; racionalista em sua declaração de verdades universais autoevidentes; individualista em sua afirmação dos direitos iguais de todos os homens à vida, à liberdade, e à busca pela felicidade; e democrática em sua afirmação do direito do povo de estabelecer que forma de governo representa sua vontade<sup>1</sup>.

Ademais, os conceitos advindos do liberalismo econômico garantiram o direito à propriedade privada, assim como a liberdade e a posse de bens materiais como uma faculdade inerente à condição humana, sendo assegurada a partir de uma concessão divina (Mamede, 2007). Sob essa perspectiva, a recente república emergiu a partir de um período caracterizado por grandes transições, e foi a partir desse cenário que muitos dos elementos posteriores do capitalismo, tais como uma moeda flexível, bancos, corporações, sistemas de transporte, industrialização e consumismo generalizado, começaram a assumir uma forma reconhecível (Gilje, 1996).

Após o fim da Guerra de 1812, conflito travado entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha devido às violações britânicas dos direitos marítimos americanos, somado ao término da Era Napoleônica (1799-1815), a qual foi responsável por um período de grande instabilidade política e econômica na Europa, a nova república apresentou o desencadeamento de um rápido crescimento econômico, urbano e industrial, assim como uma intensa expansão territorial. A reabertura das rotas marítimas após a Guerra de 1812 empurrou os Estados Unidos para uma economia mundial

---

<sup>1</sup> “Deistic in its reference to Nature and Nature's God; rationalistic in its declaration of self-evident universal truths; individualistic in its affirmation of the equal rights of all men to life, liberty, and the pursuit of happiness; and democratic in its assertion of the right of the people to establish the kind of government that represents their will.”

e possibilitou a criação de um mercado global para o algodão produzido nos estados do Sul, assegurando a vitalidade do sistema de plantação e da população escravizada necessária para o servir (Habich; Nowatzki, 2010).

Nesse sentido, o período histórico nomeado como *Pre-Civil War Era* ou *Antebellum Period* (Pré-Guerra Civil), datado entre os anos de 1812 e 1861, caracterizou-se por várias transformações na sociedade estadunidense. A polarização gradual do país, em razão da crescente divisão econômica entre a agricultura do Sul e a indústria do Norte, bem como a distinção de convicções em relação à mão de obra escravizada, contribuiu para uma divisão que viria culminar no conflito civil que dividiu o território. Além do mais, as transformações ocorridas na economia, tal qual o rápido crescimento das indústrias, a crescente imigração e a anexação de novos territórios através da *westward expansion* (expansão para o Oeste), apoiadas pela crença no *Manifest Destiny* (Destino Manifesto)<sup>2</sup>, propiciaram as bases para a construção dos Estados Unidos do século XX.

Assim, Habich e Nowatzki (2010) argumentam que a eleição para a presidência de Andrew Jackson, em 1828, general do exército que ganhou notoriedade durante a Guerra de 1812, assinalou a ascensão do “homem comum” na política estadunidense. Jackson apresentava-se como um democrata, não advindo dos treze estados originais, e sua eleição fez com que parecesse possível que qualquer homem branco, independentemente da classe social, pudesse adquirir poder político. No entanto, as suas empreitadas militares no passado renderam-lhe o apelido de *Indian Killer* (Assassino de Indígenas) e, no ano de 1830, o então presidente assinou o *Indian Removal Act* (Lei de Remoção Indígena), responsável por remover forçadamente nativos de suas terras originais. Em 1838, estima-se que cerca de dezesseis mil nativos membros da nação Cherokee foram forçados a deixar suas terras, o que causou a morte de mais de um quarto desses indivíduos, no caminho que ficou conhecido como *Trail of Tears* (Trilha das Lágrimas).

Por conseguinte, entre 1820 e 1865, a população dos Estados Unidos triplicou, sendo uma das razões para este aumento o grande fluxo de imigrantes advindos da Irlanda, da Alemanha e de outras nações europeias (Habich; Nowatzki, 2010). Estes imigrantes, juntamente com a migração

---

<sup>2</sup> O termo *Manifest Destiny*, utilizado pela primeira vez pelo editor John L.O’Sullivan em um ensaio publicado na coluna *New York Morning News*, argumentava que era direito do povo estadunidense espalhar-se e possuir todo o continente, o qual a Providência concedeu para o desenvolvimento e para o experimento de liberdade (Habich; Nowatzki, 2010).

de estadunidenses nativos, mudaram-se, na maioria das vezes, para as cidades em crescimento, haja vista a maior oferta de empregos nesses locais devido à crescente indústria.

A Revolução Industrial propiciou profundas mudanças na sociedade estadunidense. A mecanização e o avanço dos maquinários que compunham as indústrias têxteis do Norte contribuíram para uma maior demanda de matéria prima para a fabricação de seus produtos, explicando assim parte do aumento da produção de algodão no Sul. Conseqüentemente, o papel cada vez mais centrado pela produção de algodão nesses estados aumentou a resistência em relação à abolição da escravidão, posto que a obtenção de lucros dependia, em grande parte, da mão de obra escrava, contribuindo para o aumento das tensões políticas no país.

Dessa forma, durante as décadas que antecederam a *American Civil War* [Guerra Civil Americana] (1861-1865), a nação tornou-se gradualmente dividida sobre a questão da escravidão (Habich; Nowatzki, 2010). Muitos líderes políticos do Sul apoiavam a continuação dessa prática colonial desumana, e muitos líderes do Norte opunham-se a esta. No decorrer dos anos que antecederam a guerra, as crescentes tensões políticas no Congresso entre esses estados, assim como a formação de novos partidos e alianças, foram aspectos responsáveis por moldar o cenário que acarretaria o conflito civil.

Outrossim, a ascensão do mercado industrial, não restrito apenas à indústria têxtil, possibilitou novas transformações no comércio, tornando-o cada vez mais especializado, com divisões de trabalho definidas e que ultrapassaram as formas obsoletas antes empregadas, tais como a servidão contratada e o trabalho familiar. Desse modo, a mão de obra assalariada foi responsável por acelerar o crescimento dos centros urbanos, visto que muitos indivíduos eram atraídos pelas novas propostas de trabalho. Apesar disso, enquanto a economia crescia de forma acelerada em termos de produção e de consumo, a classe trabalhadora enfrentava diversos desafios, como péssimas condições de trabalho, baixa remuneração e extenuantes jornadas laborais. Crianças tornaram-se vítimas da exploração das fábricas, e os novos imigrantes eram, muitas vezes, coagidos a realizar trabalhos maiores em troca de pagamentos menores (Habich; Nowatzki, 2010).

Nesse sentido, ao seguir a lógica capitalista que começava a moldar o país durante esses anos, somada à ética protestante e puritana enraizada no território estadunidense desde a sua colonização, o trabalho adquiriu novas formas e novas concepções na sociedade estadunidense, tal como a *work ethic* (ética do trabalho), apresentando-se como um “*ethos* que impregnava a vida e os costumes”

dos indivíduos (Rodgers, 2014, p.7, tradução nossa). Logo, a doutrina da industrialização impregnou-se através de diversos setores do corpo social, transformando os próprios processos de trabalho, energizando-os, mecanizando-os e sistematizando-os (Rodgers, 2014). Essa doutrina contribuiu para a construção de um ideário estadunidense baseado nos valores do trabalho e do consumo, promovendo a ascensão dos moldes econômicos do capitalismo.

Além do mais, outro fator que contribuiu para o avanço da economia industrial e da distribuição de mercadorias foram as melhorias dos meios de transportes. No início do século XIX, era praticamente inimaginável viajar por longas distâncias através de meios terrestres devido à grande extensão territorial do país. A construção de canais e de ferrovias apresentaram-se como meios de estabelecer rápidos deslocamentos e de promover a dinamização no setor de transportes, estimulando a economia industrial através da redução significativa dos custos de deslocamento das mercadorias, bem como acelerando o crescimento das cidades e tornando-as centros industriais (Habich; Nowatzki, 2010).

Concomitante a esse contexto de crescimento econômico, industrial e tecnológico, a expansão territorial por meio de tratados e guerras, tal como a anexação do Texas pela *Mexican-American War* (Guerra Mexicana-Americana), datada entre 1846 e 1848, bem como a expansão para o Oeste, constituíram-se como políticas que marcaram profundamente o *Antebellum Period*, promovendo um grande domínio territorial para os Estados Unidos. Apoiados na doutrina do *Manifest Destiny*, os defensores dessa concepção aumentaram consideravelmente o território estadunidense, expandindo-se e englobando novos estados como o atual Arizona, a Califórnia, o Texas, entre outros.

Portanto, é a partir deste ambiente de intensas mudanças que a prosa de Herman Melville acontece, retratando, muitas vezes, reflexões sobre as questões vigentes em seu corpo social, como a Revolução Industrial, as novas relações de trabalho perante os modelos de produção do capitalismo e a escravidão. Sendo assim, as obras do autor trazem consigo as marcas do seu período histórico, oferecendo uma visão sobre a sociedade em formação e os aspectos que contribuíram para a concepção dos Estados Unidos como conhecemos hoje.

## 1.2 Contexto literário: Romantismo e Renascimento Americano

A publicação da obra crítica literária *American Renaissance: Art and Expression in the Age of Emerson and Whitman* (1941), pelo educador e crítico literário Francis Otto Matthiessen, constituiu-se como um divisor de águas na história da literatura do país. Nesse sentido, a obra fornece uma análise profunda do contexto intelectual e cultural dos Estados Unidos no decorrer da primeira metade do século XIX, o qual foi responsável por evidenciar autores como Edgar Allan Poe, Emily Dickinson, Herman Melville, Nathaniel Hawthorne, Henry David Thoreau, Ralph Waldo Emerson, Walt Whitman, entre outros que contribuíram para moldar as tradições que cercam a literatura estadunidense no século XIX até a contemporaneidade.

Durante as primeiras décadas do século XX, a literatura estadunidense demonstrava-se vagamente difundida, posto que muitos autores e suas respectivas obras, situadas no *Antebellum Period*, não eram estimados com grande intensidade como os autores ingleses, os quais possuíam uma vasta tradição literária. A obra de Matthiessen foi responsável por colaborar para a mudança desta perspectiva, uma vez que, de acordo com o autor, a *American Renaissance* foi inspirada na década de 1830, a partir dos escritos de Emerson, dando origem posteriormente a grandes obras-primas da literatura, tais como *The Scarlet Letter* (1850), de Hawthorne, *Moby-Dick* (1851), de Melville, *Walden* (1854), de Thoreau, e *Leaves of Grass* (1855), de Whitman que, juntamente com outros escritos coexistentes, foram responsáveis por caracterizar esse período literário (Levine, 2016).

No entanto, nas últimas décadas, algumas questões foram colocadas em pauta sobre a obra de Matthiessen e de outros expoentes de seu tempo que contribuíram para a construção de uma tradição da literatura estadunidense como um campo de estudo. No decorrer do período de designação da *American Renaissance* (Renascimento Americano), foram observadas uma grande tendência à exclusão de trabalhos realizados por minorias, especialmente mulheres e escritores afro-americanos, a uma propensão excessiva em separar veementemente as tradições literárias inglesas das estadunidenses, assim como pouca relevância atribuída às questões históricas, políticas e sociais presentes no período, como a escravidão e a imigração, as quais exerceram grande influência sobre as obras da época (Levine, 2016).

Contudo, a obra de Matthiessen foi responsável por reconhecer os esforços existentes durante as primeiras décadas do século XIX nos Estados Unidos, que exprimiam uma profunda vontade

em desenvolver uma literatura que retratasse os valores da recente república democrática, abandonando o status de colônia inglesa e a submissão à longa tradição literária do país colonizador. Segundo Brown (1818), a mais orgulhosa liberdade que uma nação pode aspirar encontra-se na completa emancipação da escravidão literária.

Diante disso, o Romantismo, movimento artístico, literário e intelectual, apresentou-se como uma forma de exprimir essa busca por identidade, retratando as profundas transformações vigentes no território. A Era Romântica, a qual teve suas raízes na Europa e seu esplendor durante o início do século XIX, especialmente na literatura inglesa através de notáveis poetas como William Wordsworth (1770-1850) e Samuel Coleridge (1772-1834), surgiu como uma reação contra o Iluminismo e contra o racionalismo exacerbado que dominava as obras literárias e artísticas deste período. Além disso, muitos escritores sentiam que havia algo de distinto no seu tempo, como um clima intelectual e imaginativo generalizado a que se chamou *the spirit of the age* (o espírito da época) (Greenblatt, 2006).

Nessa perspectiva, o Romantismo constituiu-se como um período literário que influenciou grandemente as obras situadas durante a *American Renaissance*. Desse modo, o Romantismo Americano é definido a partir do período que procedeu à Guerra de 1812 até a Guerra Civil (1861-1865), posto que ambos os conflitos promoveram intensas transformações na sociedade, não sendo essas mudanças apenas limitadas ao âmbito militar. Logo, a preocupação com as questões sociais, com o individualismo, com as emoções, assim como aspectos que tratavam sobre a relação da natureza com o indivíduo, perceptíveis através do Transcendentalismo, constituem-se como alguns dos aspectos do movimento literário romântico presente nos Estados Unidos. De acordo com Habich e Nowatzki (2010, p. 16, tradução nossa),

Individualismo e antiautoritarismo tornaram-se aspectos definidores para escritores e pensadores da era Romântica, além do comunalismo, respeito por instituições (certamente entre os que buscaram melhorá-las), prosperidade econômica e progresso social. Pensadores e escritores românticos abraçaram tanto o individualismo radical, quanto um comprometimento total com a reforma social, livre pensamento religioso e as piedades mais convencionais, experimento artístico e a imitação autoconsciente.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> “Individualism and antiauthoritarianism became defining motifs for writers and thinkers of the Romantic period, but so did communalism, respect for institutions (certainly among those who tried to improve them), economic prosperity, and social progress. Romantic thinkers and writers embraced both radical individualism and a total commitment to social reform, religious freethinking and the most conventional pieties, artistic experiment and self-conscious imitation.”

A eleição de Andrew Jackson caracterizou-se como um dos exemplos das perturbações existentes no decorrer da Era Romântica, pois seu governo foi marcado por dualidades: de um lado, a defesa à liberdade individual e à democracia popular e, de outro, a assistência ao *Indian Removal Act* (1830) e à contínua privação dos direitos das minorias.

Sob esse viés, muitos autores situados na época discorreram seus trabalhos retratando as questões sócio-políticas presentes nesse período histórico-literário. Obras como *Uncle Tom's Cabin* (1852), de Harriet Beecher Stowe, assim como o discurso de Sojourner Truth, abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americanas, *Ain't I a Woman?* (1851), foram responsáveis por promover para a sociedade estadunidense uma denúncia vívida da crueldade dessa prática colonial.

Somado a isso, o posicionamento de escritores como Henry David Thoreau ratificou esse sentimento de repulsa à prática escravocrata, uma vez que, por meio de seu ensaio *Civil Disobedience* (1849), o autor fornece uma análise ética e filosófica sobre a responsabilidade dos indivíduos em face às injustiças, declarando que “num governo que prende injustamente qualquer um, o verdadeiro lugar de um homem justo é também a prisão [...] é o único espaço num Estado de escravizados que um homem livre e decente pode tolerar” (Thoreau, 2022, p.100-101).<sup>4</sup>

Além do mais, o período romântico foi caracterizado pela ascensão do romance como forma principal do gênero narrativo, tendo o crescimento da sua popularidade uma íntima ligação com a proliferação dos contos, visto a crescente demanda dessas narrativas por parte de revistas e de jornais. A expansão do mercado literário durante a Era Romântica, bem como a persistente crença de que a literatura funcionava como um meio de adquirir “instrução”, permitiram a fruição de obras que se dedicavam a temáticas de aspectos emocionais, moralistas e sociais (Habich; Nowatzki, 2010).

Sendo assim, é possível vislumbrar através dos temas, das estéticas e do individualismo artístico da Era Romântica as raízes da literatura estadunidense moderna, uma vez que os autores românticos lutaram para adaptar-se a uma sociedade repleta de mudanças e de contradições

---

<sup>4</sup> “Under a government that imprisons any unjustly, the true place for a just man is also a prison [...]the only house in a slave State in which a free man can abide with honor” (Thoreau, 2014, p. 15).

político-sociais. As obras produzidas durante esse período auxiliaram na construção das bases da literatura estadunidense do século XX e XXI, posto que a influência dos autores situados nesse contexto continua a perpassar gerações. Segundo Habich e Nowatzki (2010), o movimento romântico foi responsável por deixar um legado na sociedade que perdura até os dias atuais, através do inconformismo, do individualismo, das posições intelectuais corajosas e perigosas que causaram rupturas, das inovações e do desejo de escrever e de pensar sem fronteiras.

### **1.3 Escrita de Herman Melville**

Considerado um dos maiores autores da literatura mundial, Herman Melville (1819-1891), autor do célebre romance *Moby-Dick* (1851), perpassou por diversas dificuldades econômicas e de reconhecimento da sua obra ao longo da sua vida. Filho de Allan Gansevoort Melvill e Maria Gansevoort Melvill, o autor foi o terceiro de oito filhos do casal. Seus antepassados estiveram entre os colonos escoceses e holandeses de Nova Iorque, tendo seus avôs assumido papéis de importância durante a Revolução Americana (1776), participando desde cedo da vida comercial e política que se estabelecia no país em ascensão (Maxwell, 2024).

No entanto, o pai de Melville, um comerciante e importador de produtos secos, contraiu diversos débitos durante os seus últimos anos, falecendo repentinamente em 1832 e deixando a família em uma situação de profunda dificuldade financeira. Diante deste cenário de necessidade, Melville deixou a escola quando tinha apenas 12 anos e começou a trabalhar, dando início a uma sucessão de empregos até tornar-se escritor, sendo algumas de suas funções iniciais a de bancário, de professor e de ajudante na fazenda do seu tio Thomas Melvill, em Pittsfield, Massachusetts (Levine, 2016).

Em 1839, Melville iniciou sua jornada no mar, começando como ajudante de cabine no navio St. Lawrence, que transportava mercadorias e, mais tarde, como baleeiro, em 1841, navegou no Acushnet, em New Bedford, Massachusetts. No verão de 1842, o navio ancorou nas Ilhas Marquesas, na atual Polinésia Francesa, Oceania, lugar em que o autor supostamente viveu, juntamente com o seu companheiro de bordo Toby Greene, as aventuras que ele relata em seu primeiro romance autobiográfico, intitulado *Typee: A Peep at Polynesian Life*, publicado em 1846 (Maxwell, 2024).

As vivências de Melville durante esse período foram cruciais na definição das temáticas trabalhadas em suas obras. A publicação de seu segundo livro *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas* (1847) também reflete suas experiências durante seu período como baleeiro. Sob essa ótica, o autor retrata, através de um personagem fictício, sua participação em um motim que o levou ao encarceramento em uma prisão taitiana (Maxwell, 2024).

Em 1847, Melville casou-se com Elizabeth Shanw, filha do chefe da justiça de Massachusetts. Nesse período, ele tentou sem sucesso ingressar na carreira pública dos Estados Unidos, sendo esse o primeiro de muitos esforços frustrados na tentativa de garantir um emprego no governo (Levine, 2016).

No decorrer de seus anos iniciais como escritor, o autor tornou-se um colaborador regular de periódicos e, para o seu público de Nova Iorque, sua reputação era semelhante à de seus personagens: extrovertido, com seu charuto e seus olhos espanhóis. No entanto, ele demonstrava-se insatisfeito com esse estereótipo, haja vista que a realidade da escrita de seus romances apresentava-se diferente: em uma sala fria e sem fogo durante o inverno extremo. Ademais, reforçando essa realidade, seu terceiro livro *Mardi* (1849) não obteve a resposta esperada pelo escritor. Considerado uma mistura de estilos incompreensíveis, *Mardi* retrata uma viagem por meio de uma jornada filosófica, demonstrando-se como um texto mais difícil para o seu público de leitores, acostumados com as aventuras descritas nas suas primeiras obras (Levine, 2016).

Diante disso, em 1849, procurando restabelecer a sua reputação e melhorar a sua instável vida financeira, especialmente devido à chegada do seu primeiro filho, o autor, escondendo a sua decepção com o seu terceiro romance, publica *Redburn* (1849) e *White-Jacket* (1850). Ambas as obras foram recebidas com bastante entusiasmo, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, tendo *White-Jacket* ganhado grande suporte político devido à denúncia realizada por Melville, acerca dos abusos da Marinha estadunidense, tais como os castigos corporais por meio de açoites. No entanto, por mais que as obras tenham sido recebidas com grande entusiasmo, elas começavam a demonstrar o lado mais melancólico e filosófico do autor que, por muito tempo, permaneceria incompreendido.

Durante a sua trajetória que retrata a sua busca por autenticidade, Melville inicia o seu mais célebre romance, *Moby-Dick*, que hoje, na contemporaneidade, é considerado sua obra-prima. Nesse sentido, *Moby-Dick* ou *The Whale* tornou-se uma das maiores ambições do autor, tendo ele

definido-a como um “Evangelho neste século” (Levine, 2016, p. 1412, tradução nossa)<sup>5</sup>, haja vista a grandiosidade que Melville atribuiu a obra. Além do mais, foi durante esse período, no ano de 1850, que o autor iniciou sua amizade e admiração pelo escritor Nathaniel Hawthorne, o qual influenciou profundamente suas obras. O romance foi publicado em 1851, momento em que Melville apresentava grandes dificuldades em suas finanças. Contudo, por mais que o romance tenha recebido críticas positivas, e a originalidade do autor tenha sido elogiada, Melville recebeu, em grande parte, respostas hostis ao novo romance, sendo este classificado como lento e filosoficamente abstrato (Levine, 2016).

O autor, profundamente desapontado devido às respostas negativas do seu novo romance, somando mais uma tentativa falha de sua família de inseri-lo em um trabalho público, vê sua esposa dar à luz às suas duas filhas, Elizabeth (1853) e Frances (1855). É diante deste cenário que Melville inicia a carreira como escritor de contos para dois periódicos vigentes na época, Harper’s e Putnam’s. Sendo assim, é no decorrer de seu trabalho para estas revistas que nasce, de acordo com os críticos, os trabalhos mais progressistas do escritor, tais como *Bartleby, the Scrivener* (1853), *The Paradise of Bachelors and the Tartarus of Maids* (1855) e *Benito Cereno* (1855). Em seus escritos publicados nesse período, Melville reflete sobre as transformações sociais ocasionadas pela emergência do capitalismo, assim como sobre aspectos relacionados à desigualdade de gêneros e às questões raciais vigentes em sua época (Levine, 2016).

Sob esse viés, seus desapontamentos e fracassos como escritor levaram a família de Melville a enviá-lo para uma viagem à Europa, na tentativa de reanimá-lo; contudo, em uma carta endereçada a Hawthorne, ele declara que “o espírito de aventura havia desaparecido dele” (Levine, 2016, p. 1412, tradução nossa)<sup>6</sup>, retratando a desmotivação com sua carreira de escritor. Em 1866, após o término da Guerra Civil Americana, Melville publica seu primeiro volume de poemas, intitulado *Battle-Pieces and Aspects of the War: Civil War Poems*, o qual foi pouco notado pelos críticos, haja vista a decadência de sua reputação como escritor.

Com poucos recursos, em 1866, o escritor obtém um cargo como inspetor alfandegário em Nova Iorque, deixando o tempo livre dedicado, em grande parte, apenas para a poesia. Com baixa remuneração, Melville enfrentou tempos difíceis, tais como a perda de dois de seus filhos, que o

---

<sup>5</sup> “Gospels in this century”.

<sup>6</sup> “the spirit of adventure had gone out of him”.

levaram a desenvolver uma grande propensão para ataques de raiva e para a depressão, levando os familiares de sua esposa a aconselhá-la a deixá-lo. Entretanto, sua lealdade ao escritor a fez permanecer ao seu lado. No decorrer dos anos posteriores, o escritor continuou trabalhando apenas com poesias, e em 1886, retirou-se do seu emprego na Alfândega, juntando-se com sua esposa e vivendo o luto deixado pela perda de seus filhos (Levine, 2016).

Dessa forma, o autor, conhecido por suas novelas de aventura durante a primeira metade do século XIX, foi esquecido no mundo literário pós-guerra civil. Em 1891, Melville retorna à prosa, escrevendo o que seria seu último romance, intitulado *Billy Budd*, que, através do seu enredo, demonstra a paz do escritor com a resignação de sua vida. Cinco meses após a publicação, Herman Melville morre, aos 72 anos de idade, tendo sua morte provocado apenas um único obituário (Levine, 2016). O escritor, reconhecido por ser “o homem que viveu entre os canibais” (Levine, 2016, p. 1413, tradução nossa)<sup>7</sup> padece, negligenciado pelo seu tempo, para ser redescoberto e ter a sua obra reverenciada, ao lado de autores como William Shakespeare e Nathaniel Hawthorne, apenas no século XX.

#### **1.4 *Moby-Dick* e *Bartleby*: a procura de Melville por autenticidade**

Herman Melville enfrentou duros anos como escritor, haja vista que a sua busca por autenticidade, através da sua escrita e da abordagem de temas filosóficos, muitas vezes inerentes à natureza humana, gerou uma infeliz resposta dos seus leitores e dos críticos de sua época. O autor lutou constantemente com as suas finanças para estabelecer-se em uma profissão que estava apenas começando a se firmar. Nesse contexto permeado de obstáculos, Melville escreveu *Moby-Dick* (1851), considerado hoje a sua obra-prima, e *Bartleby, the Scrivener* (1853), o emblemático conto a ser analisado ao decorrer dessa monografia.

Segundo Evelev (2021), a natureza excepcional de *Moby-Dick* reflete as experiências vivenciadas durante a juventude de Melville, bem como as transformações dramáticas que percorriam o campo da literatura estadunidense durante a primeira parte do século XIX. Como um vórtice em alto-mar, *Moby-Dick*, ou *The Whale*, publicado em 1851, é um *tour de force* que puxa e engloba tudo ao seu redor; nesse caso, a vida e a natureza humana em seus mais diversos aspectos.

---

<sup>7</sup> “the man who lived among the cannibals.”

Sendo considerado, na contemporaneidade, a *magnum opus* de Melville, foi um romance pouco difundido e incompreendido pela sua época. A narrativa se inicia com a personagem e narrador, Ishmael, em uma jornada em meio à indiferença e à depressão, sendo atraído apenas pelas infundáveis águas do oceano e pela oportunidade ideal de fazer parte de um navio baleeiro, como demonstra o excerto a seguir: “sempre que me pego com a boca crispada; sempre que na minha alma faz um novembro úmido e chuvoso; [...] quando isso acontece, creio ser a hora de ir ao mar o quanto antes. Eis o meu substituto para a pistola e o projétil” (Melville, 2022, p.37)<sup>8</sup>.

A técnica de Melville em utilizar-se dessa personagem para narrar a história funciona tanto para tornar a obra mais acessível aos leitores leigos em relação aos aspectos da prática baleeira – aprendendo junto com Ishmael – quanto para manter os mistérios que permeiam seu principal protagonista, o capitão Ahab.

A tripulação do navio baleeiro Pequod parte de Nantucket, Massachusetts, com a prospecção de três anos de busca por espermacete, substância utilizada como combustível na época e extraída da cabeça de cetáceos, especialmente de baleias cachalotes. No entanto, ao longo dos capítulos iniciais, torna-se evidente como a prioridade do capitão do navio não é aquela dita antes dele partir. Aos poucos, os ideais de Ahab adentram a mente da tripulação, diluindo vontades individuais e enaltecendo a busca pela baleia branca, *Moby Dick*, acima de tudo. Ahab dirige-se, então, com uma força implacável pela vingança àquela que tomou a sua perna. Porém, a sua motivação vai muito além disso, como é demonstrado em certas passagens ao longo da obra,

Tudo o que mais enlouquece e atormenta; tudo o que agita as coisas fazendo levantar nelas o que têm de pior; toda a verdade que traz malícia em si; tudo que quebra os tendões e endurece o cérebro; todos os sutis demonismos da vida e do pensamento; todo o mal, para o louco Ahab, era visivelmente personificado e transformado em um alvo passível de ataque em *Moby Dick* (Melville, 2022, p. 248)<sup>9</sup>.

Um homem amargurado, potencialmente mau, determinado a encontrar e perseguir a baleia branca até o fim dos tempos, encarregando-a de todas as frustrações da humanidade. Ao longo da jornada através dos oceanos, Ishmael narra alegrias e tristezas, milagres e tragédias, aspectos que

---

<sup>8</sup> “Whenever I find myself growing grim about the mouth; whenever it is a damp, drizzly November in my soul; [...] then, I account it high time to get to sea as soon as I can. This is my substitute for pistol and ball” (Melville, 2008, p. 1).

<sup>9</sup> “All that most maddens and torments; all that stirs up the lees of things; all truth with malice in it; all that cracks the sinews and cakes the brain; all the subtle demonisms of life and thought; all evil, to crazy Ahab, were visibly personified, and made practically assailable in *Moby Dick*” (Melville, 2008, p. 150).

são permeados pela consciência humana extravagante a qual o narrador possui. Reflexões e divagações são frutíferas na obra, trazendo o caráter filosófico do autor, até então em desenvolvimento, e separando a obra de suas escritas anteriores de aventuras marítimas.

Por outro lado, constituindo-se como um dos contos de Melville mais reconhecidos atualmente, *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street* (Bartleby, o Escrivão: Uma História de Wall Street) apresenta um escrivão/copista, personagem com uma postura enigmática e, muitas vezes, incompreendida. Publicado pela primeira vez em 1853, o autor, que perpassava por dificuldades de reconhecimento do seu trabalho, teve a história divulgada de forma anônima através do *Putnam's Monthly Magazine*. Em 1856, Melville realizou um compilado de alguns de seus escritos publicados na revista, tendo como resultado a obra *The Piazza Tales*. Sob essa perspectiva, o intrigante conto foi mais uma vez inserido, contendo uma mudança no título, agora apenas como *Bartleby* (Habich; Nowatzki, 2010).

A história se passa em Nova Iorque, especificamente em Wall Street, entre seus prédios comerciais. O narrador, sem nome, definido por ele mesmo como um advogado idoso, respeitável e que trabalha com ofícios jurídicos, é o responsável por narrar a história de Bartleby, um de seus escrivães. Nesse sentido, ele logo destaca a peculiaridade de Bartleby e a falta de informações sobre a sua vida, definindo-o como o mais estranho de todos, “troco as biografias de todos os outros escrivães por algumas poucas passagens da vida de Bartleby, o escrivão mais esquisito que já vi ou de que já ouvi falar” (Melville, 2023, p. 25)<sup>10</sup>.

Antes de iniciar efetivamente a história de Bartleby, o advogado proporciona para o leitor uma breve descrição sobre o seu negócio, o seu escritório, seus funcionários e o ambiente, os quais apresentam-se indispensáveis para compreender a enigmática personagem. Diante disso, a descrição do ambiente inicia-se demonstrando a sensação de enclausuramento que o escritório proporcionava, posto que não havia a possibilidade de visualização das paisagens da cidade ou de outros escritórios através das janelas, apenas a vista de uma parte interna de uma claraboia e a de uma parede de tijolos escurecida pelo tempo, pertencente ao edifício vizinho.

Além do mais, os outros três funcionários do escritório, dois copistas - Turkey e Nippers - e um office boy aprendiz - Ginger Nuts - apresentavam certas particularidades. Por exemplo, os dois

---

<sup>10</sup> “But I waive the biographies of all other scriveners for a few passages in the life of Bartleby, who was a scrivener of the strangest I ever saw or heard of” (Melville, 1856, p. 1).

copistas possuíam problemas comportamentais e uma grande tendência à mudança de humor a depender do horário. O inglês Turkey, durante a parte da tarde, demonstrava um comportamento energético e inflamado, já Nippers, um rapaz pálido e de suíças, era suscetível na parte da manhã a uma grande tendência à irritabilidade e a um descontentamento contínuo com os seus afazeres.

Desse modo, o narrador relata um aumento de trabalho para os escrivães devido ao novo cargo que o advogado ocupa. Logo, era necessário contratar mais um copista e esse funcionário viria a ser Bartleby. A primeira impressão do narrador, Bartleby é descrito como “palidamente limpo, tristemente respeitável, incuravelmente desamparado!” (Melville, 2023, p. 59)<sup>11</sup>. Durante os primeiros dias de trabalho, o advogado relata que ele executara uma grande produção de documentos, escrevendo-os de forma “silenciosa, pálida e mecânica” (Melville, 2023, p. 63)<sup>12</sup>.

Contudo, ao designar Bartleby para realizar a conferência da precisão das cópias, atividade que era parte do cargo de copista, a personagem responde claramente pela sentença: “Prefiro não” (Melville, 2023, p. 67)<sup>13</sup>, acarretando, primeiro, a indignação do narrador. No entanto, essa indignação cederá lugar para o sentimento de pena da figura pálida e silenciosa de Bartleby ao decorrer da história.

A partir deste ponto da narrativa, quando Bartleby profere o seu primeiro “Prefiro não”, sua personagem inicia, gradativamente, através dessa sentença, a negação de todos os seus afazeres, não apenas laborais, mas também a negação da sua própria vida. Aos poucos, ele cessa suas atividades, rejeitando sempre de forma passiva todas as suas obrigações e todas as tentativas de ajuda que o narrador lhe concede. O copista torna-se uma criatura viva, que olha fixamente para a parede da janela, perambulando pelo escritório e comendo apenas o necessário para sobreviver. Após as inúmeras tentativas do advogado de fornecer ajuda, o único caminho que sobra é mudar-se do escritório, posto que o protagonista passa a habitá-lo. O resultado é que, mesmo com a mudança, o escrivão continua a residir no antigo local. Dessa forma, Bartleby é recolhido pela polícia e, na prisão, o copista expressa pela última vez a sua profunda e complexa sentença: Prefiro não.

---

<sup>11</sup> “pallidly neat, pitiably respectable, incurably forlorn!” (Melville, 1856, p. 6).

<sup>12</sup> “silently, palely, mechanically” (Melville, 1856, p. 6).

<sup>13</sup> “I would prefer not to” (Melville, 1856, p. 7).

Após a sua morte, a vida de Bartleby permanece silenciosa e indecifrável igual a personagem. No final da narrativa, a única coisa que o leitor consegue descobrir é que o seu último ofício antes de adentrar o escritório foi como um funcionário de uma Seção de Cartas Mortas, onde era responsável por queimar cartas que eram extraviadas. Esse ser humano propenso à desilusão e a “pálida desesperança” (Melville, 2023, p.201)<sup>14</sup>, exercendo um trabalho angustiante, esse indivíduo era Bartleby.

A reflexão que a história do escrivão proporciona vai além das esferas mais comuns, tais quais a alienação provocada pela economia capitalista e o protesto por meio da resistência passiva. Bartleby é uma personagem que desiste da vida em meio à pressão esmagadora da sociedade. Diante disso, de acordo com Ghirardi (2023), Bartleby e Ahab são idênticos na radicalidade com que, de forma silenciosa e obstinada, se prendem às convicções enigmáticas e permanentes da vida, unindo-se na indiferença e na recusa inflexível de serem razoáveis.

A pequena narrativa de Melville propõe um retrato da organização política, social e econômica, e como esses aspectos afetavam a vida dos indivíduos que compunham a sociedade estadunidense às vésperas do conflito civil. Através da história, o autor proporciona para os seus leitores reflexões que transpassam a cronologia de seu tempo, atingindo a forma que hoje vivemos, relacionamos e aplicamos nossas vidas no âmbito laboral e social. Segundo Calvino (2007), as obras clássicas continuam ecoando os seus ensinamentos através da história, visto que “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (Calvino, p. 15).

## **2 A “MELANCOLIA” DE BARTLEBY, UMA EPIDEMIA NA SOCIEDADE**

### **2.1 História da melancolia no Ocidente**

Os transtornos mentais são agravos de saúde altamente prevalentes na sociedade contemporânea. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se a existência de mais de 300 milhões de pessoas com depressão no mundo. Além do mais, estudos do *Global Burden of Disease* apresentam a depressão como a terceira maior causa de incapacidade, tendo perspectivas que se torne o principal fator até 2030 (Caldieraro; Mosqueiro; Fleck, 2021). Lerner (2004),

---

<sup>14</sup> “pallid hopelessness” (Melville, 1853, p. 20).

argumentam que a depressão no indivíduo tem como consequência custos indiretos e substanciais no âmbito laboral, incluindo ausências, produtividade prejudicada e até mesmo um menor índice de continuação no emprego em uma ampla variedade de ocupações.

Nesse âmbito, o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) descreve os sintomas prevalentes no Transtorno Depressivo Maior, sendo o diagnóstico da doença dado a partir da presença de, no mínimo, cinco desses, devendo incluir o primeiro e/ou o segundo. Tais sintomas configuram-se como: humor deprimido; marcada diminuição de interesse ou prazer na maior parte das atividades; alterações de apetite/peso não explicados por outro motivo; insônia ou hipersonia; agitação ou retardo psicomotor; cansaço ou diminuição de energia; pensamentos de desvalia ou culpa excessiva e inapropriada; diminuição na concentração ou dificuldades para pensar ou tomar decisões; pensamentos recorrentes de morte e/ou suicídio, e/ou planos ou tentativas de suicídio (American Psychiatric Association, 2014).

Sob essa perspectiva, a gravidade do aumento do adoecimento psíquico na sociedade vem se demonstrando extremamente preocupante, haja vista que 15% dos adultos em idade produtiva no âmbito laboral convivem com algum transtorno mental (OMS, 2022). No entanto, mesmo apresentando altos índices no corpo social contemporâneo, a depressão não é uma doença exclusiva dos dias atuais. Sua presença é datada desde a antiguidade, por meio da produção de obras que compõem conhecimentos da medicina, da filosofia, da religião e da literatura. De acordo com Andrew Solomon (2014), em seu livro *O Demônio do Meio-dia*, no qual o autor fornece um retrato repleto de humanidade e sabedoria sobre a depressão, encarar a doença como sendo essencialmente moderna configura-se como um erro grosseiro, posto que a forma e a particularidade da patologia passaram por intensas mudanças no decorrer da história, bem como os seus tratamentos e abordagens. Logo, entender a história da depressão é compreender a invenção do ser humano como o conhecemos.

Desse modo, a história da depressão no Ocidente encontra-se profundamente conectada à história do pensamento ocidental, e pode ser dividida em cinco fases principais. A primeira fase encontra-se no Mundo Antigo, sendo a visão da depressão semelhante à da atualidade, uma vez que Hipócrates - médico grego extremamente reconhecido - tratava a doença como algo essencialmente cerebral, assim como uma implicação que se dava a partir de fatores internos e ambientais (Solomon, 2014).

Nesse contexto, tratada usualmente pelo termo melancolia, a patologia também foi abordada entre os filósofos que marcaram esse período, tais como Sócrates e Platão, que contribuíram para a formulação de conceitos que exerceram grande influência na psiquiatria moderna. Igualmente, Aristóteles analisa a patologia, afirmando que todos que atingiram a excelência nos mais variados campos de conhecimento possuíam características de um melancólico. Dessa forma, a visão da depressão como um aspecto inspirador elaborada na Antiguidade exerceu grande influência durante períodos históricos posteriores (Solomon, 2014).

Por conseguinte, a segunda fase perpassa pela Idade Média, uma vez que com a ascensão do Cristianismo, a melancolia passou a ser vista como uma manifestação da hostilidade de Deus. Pensamentos de filósofos como Santo Agostinho serviram para ratificar essa ideia, haja vista que, para ele, a perda da razão reduzia o homem a um animal e configurava-se como uma punição para a alma pecadora. Ademais, pessoas que se encontravam em depressão profunda eram vistas como uma prova de possessões demoníacas, posto que Deus enviava a insanidade como uma forma de punição para o pecador (Solomon, 2014).

Durante o Renascimento, que se configura como a terceira fase, a depressão foi romantizada, em razão do retorno às obras filosóficas, literárias e científicas presentes na Antiguidade, assim como a ascensão do humanismo. Esses aspectos auxiliaram na caracterização do gênio melancólico como parte da expressão artística e da complexidade existente no ser humano. Diante deste cenário, a melancolia tornou-se uma doença da moda, tratada como sinônimo de genialidade, especialmente pelas classes mais abastadas. Um dos maiores autores que explorou a temática da melancolia a partir dessa visão foi o célebre dramaturgo William Shakespeare. Suas obras desenvolveram com grande maestria os aspectos da depressão, especialmente através da tragédia de Hamlet, descrevendo a doença com empatia e com uma profunda complexidade, atribuindo ao indivíduo melancólico tanto sabedoria e astúcia quanto autodestruição (Solomon, 2014).

O período entre os séculos XVII e XIX, datado como a Era da Ciência, foi responsável por buscar meios de determinar a função e a composição cerebral, promovendo estratégias biológicas e sociais para o tratamento da depressão. No entanto, embora os indivíduos estivessem vivendo em uma Idade da Razão, devido à inexplicabilidade ou à “irracionalidade” da doença, as pessoas que sofriam de transtornos psíquicos voltaram a estar em grande desvantagem social, sendo estas, muitas vezes, excluídas da sociedade e submetidas a tratamentos desumanos (Solomon, 2014).

Sob esse viés, no que tange ao ambiente estadunidense que precede as obras de Melville, Solomon (2014) destaca que a força moral do protestantismo existente nas colônias da América do Norte derivou diversas explicações religiosas para a causa da depressão. O crescente número de casos era uma condição vivenciada nas colônias, consequência de fatores como a dura realidade socioeconômica, o isolamento social, a alta moralidade agregada ao protestantismo e as altas taxas de mortalidade, configurando-se como aspectos que contribuíram para proeminentes índices de melancolia na população.

Outrossim, no decorrer do século XIX, a natureza da melancolia foi intensamente debatida, ganhando novas classificações, posto que as intensas mudanças do período ocasionaram consequências que repercutem até os dias atuais. A ascensão do Romantismo provocou inúmeras transformações sobre a perspectiva da depressão. Dessa forma, a melancolia passou novamente a ser uma condição grandemente comentada nas obras literárias e filosóficas, haja vista que o homem passou a ser confrontado pelos ideais de progresso na área da ciência e pelas teorias evolucionárias, fatores que mudaram profundamente o ser humano e sua perspectiva com a fé (Solomon, 2014).

Logo, os sofrimentos da natureza humana, haja vista a depredação dos seres humanos pelo capitalismo industrial, a crescente miséria das populações em decorrência desse novo modelo econômico e a sensação de perda causada pelo vazio que deixara a descrença na religião, apresentaram-se como fatores que compunham o cenário que abriria a última fase.

A Era Moderna - datada entre o final do século XIX e o século XX - promoveu importantes movimentos no tratamento e na compreensão da melancolia, entre eles a fundamentação da psicanálise, a qual contribuiu profundamente para os estudos e para o conhecimento que cercam os transtornos psíquicos atualmente. Portanto, é à luz das ideias psicanalíticas sobre a melancolia e a sua relação com o ambiente social, e por meio da análise dos critérios estabelecidos pelo DSM-5, que o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a enigmática personagem de Bartleby, como ela reflete os aspectos da doença e qual é a sua relação com a sociedade contemporânea.

## **2.2 Depressão à luz da psicanálise**

Sigmund Freud foi responsável por revolucionar a compreensão da mente humana através de seus estudos e de suas teorias. O médico austríaco, fundador da psicanálise, promoveu uma vasta

contribuição para a medicina e para a literatura que reverbera até os dias atuais, haja vista as suas investigações e seus conhecimentos sobre a psique humana. Apesar disso, de acordo com Coser (2003), é chamativo que não exista na nosologia freudiana a categoria da depressão quando relacionada ao uso da palavra como conhecemos hoje, associada a um estado de sofrimento psíquico.

No entanto, por mais que sejam poucas as ocasiões que Freud aborda a questão da depressão, o ensaio *Luto e Melancolia*, originalmente publicado em 1917, tem um grande efeito para a compreensão dessa patologia na contemporaneidade (Solomon, 2014). Nessa perspectiva, durante o ensaio, o psicanalista compara a experiência do luto com a experiência da melancolia, uma vez que, segundo Freud (2013, p. 28)

A consideração conjunta de melancolia e luto parece justificada pelo quadro geral desses dois estados. As influências vitais que os ocasionam também coincidem, sempre que podemos discerni-las. O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica.

Ao trazer a comparação desses dois aspectos, Freud (2013) realça que a melancolia tem como característica um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda atividade e a diminuição da autoestima, sendo esses indícios expressados através de recriminações e de ofensas ao próprio indivíduo. Além do mais, ele relata que a insônia e a recusa à alimentação também fazem parte do quadro melancólico.

Ademais, o autor evidencia que a melancolia, semelhante ao luto, também é gerada a partir da perda de um objeto amado, mas essa perda é dada de forma inconsciente. Logo, a perda do objeto de forma subtraída à consciência é responsável pela inibição própria do indivíduo melancólico, sendo essa dada de forma enigmática, posto que não é possível visualizar o motivo pelo qual se absorve o indivíduo. Sendo assim, o melancólico apresenta “um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego” (Freud, 2013, p. 30), desferindo insultos a si mesmo e demonstrando o ego como incapaz e indigno.

Diante deste cenário, segundo Coser (2003), os dois principais aspectos que separam o luto da melancolia consistem na natureza inconsciente do objeto e na culpa de que se acusa o melancólico, essa atingindo o núcleo do seu ser. Logo, baseando-se nessa ocorrência, Freud propõe

uma ideia de uma instância crítica, que observa, julga e recrimina o ego, propondo bases para a formulação do conceito da instância psíquica do superego. Trata-se de um conceito abordado desde o início em suas obras, sendo a argumentação freudiana sobre o superego formalmente estabelecida e confrontada em seu texto fundamental, *O Mal-estar na Civilização*, publicado em 1930.

Nesse âmbito, *O Mal-estar na Civilização* apresenta-se como um texto de investigação sobre as origens da infelicidade humana, discorrendo sobre os conflitos entre o indivíduo e a sociedade, bem como as diferentes configurações da vida civilizada. De acordo com Freud (2010, p. 31),

o sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos.

Em um mundo fadado à infelicidade devido ao seu ideal civilizatório, as principais causas das doenças psíquicas consistem na razão pela qual a tendência instintual sucumbe à repressão, propiciando a canalização desses instintos para o mundo do trabalho, como elucida o autor no seguinte trecho,

Outra técnica de afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade [...] O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual (Freud, 2010, p. 35).

Na perspectiva de Freud, o trabalho é um meio pelo qual sublimamos as nossas pulsões, transformando-as em atividades produtivas. Desta maneira, o ideal civilizatório da sociedade, o qual busca uma constante coerção do ser humano e de seus impulsos, encontra no trabalho um meio de exercer esse poder sobre a vida do indivíduo, bem como contribuir para a manutenção de uma sociedade capitalista, baseada em seus modelos de produção constante.

Logo, “descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe” (Freud, 2010, p. 45). Portanto, é possível visualizar profundas relações sobre os aspectos da melancolia trabalhados por Freud com os sintomas hoje estabelecidos pelo DSM-5, trazendo à atualidade as questões abordadas no ensaio. Ademais, sua obra posterior, *O Mal-estar na Civilização*, ajuda-nos a elucidar o conceito do superego e entender como a civilização age com um poder coercitivo sobre as ações do ser humano, fazendo-o reprimir as suas

tendências instituais e, conseqüentemente, gerando um mal-estar que pode resultar em transtornos psíquicos.

### **2.3 Depressão à luz do trabalho**

A Revolução Industrial apresentou-se como um conjunto complexo de mudanças nos âmbitos sociais, políticos e econômicos da sociedade. Sob esse viés, para uma ampla gama de trabalhadores do corpo social estadunidense, a revolução ocasionou a modificação da própria natureza do seu trabalho, uma vez que ao aceitar um emprego para uma fábrica, os indivíduos abandonaram as antigas formas de produção do âmbito laboral, tais como o trabalho em família e o cultivo voltado para o consumo próprio. Diante destas alterações, a classe trabalhadora tornou-se vítima dos modelos de produção vigentes da sociedade capitalista e de suas propriedades, que frequentemente envolviam um trabalho repetitivo, realizado de forma perigosa e em condições insalubres (Library of Congress, 2024).

A ascensão da Revolução Industrial possibilitou a consolidação do capitalismo industrial no corpo social estadunidense. Desde a formação das suas 13 colônias, o sistema capitalista encontrou um campo extremamente fértil nos Estados Unidos. A presença do protestantismo no território, somada a uma ideologia iluminista, racionalista e liberal presente desde a fundação do país, abriu portas para a formação de uma economia baseada nos preceitos liberais, burgueses e industriais. Sendo assim, esses aspectos foram responsáveis por ratificar a ideia do trabalho como uma forma de dignificar o homem, auxiliando na formação de personalidades adaptadas à disciplina do âmbito laboral. Nesse viés, Max Weber, em sua obra mais famosa, intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904), argumenta que os indivíduos que aderiram ao protestantismo apresentavam um componente moral específico que os inclinava ao “espírito” capitalista, demonstrando que esse modelo econômico, em sua nova forma, possibilitado pelo advento da Revolução, tinha em sua base uma concepção de trabalho vinculada à doutrina secular do protestantismo (Weber, 2004).

Além do mais, Ársic (2007) argumenta que, baseando-se nos estudos sobre doenças psíquicas na sociedade estadunidense durante o século XIX, o discurso psiquiátrico do médico Benjamin Rush, em sua obra *Medical Inquiries and Observations upon the Diseases of the Mind* (1812), auxilia na construção de uma visão a qual associa a questão capitalista com o transtorno mental.

Rush defende que a loucura se constitui como um resultado do labor do corpo, uma vez que para o médico, a mente é afetada pela intensidade do trabalho deste nas atividades. Tanto um corpo excessivamente lento, como um corpo demasiadamente ativo leva o indivíduo a desenvolver problemas psíquicos. Para ele, o sujeito precisa empregar uma atividade equilibrada no âmbito laboral, não podendo deixar de ser produtivo, como argumenta Ársic (2007, p.35, tradução nossa),

Essa compreensão da loucura é baseada na ideologia de Rush (que funciona como uma espécie de a priori para sua psiquiatria “científica”), que vê o homem como um animal trabalhador. Se, como Rush afirmava, o único remédio para qualquer tipo de transtorno mental é “emprego, ou atividade de algum tipo”, isso se deve ao fato de que “o homem foi feito para ser ativo [...]” O critério do homem “normal” estabelecido por Rush torna-se, assim, o de um capitalista cuja mente é saudável apenas na medida em que está envolvida no comércio ativo e na utilidade pública.<sup>15</sup>

O capitalismo industrial propiciou a alienação do ser humano, afastando-os de si mesmo e dos outros homens (Silva, 2005). A virtude de Bartleby para o seu empregador encontra-se na sua capacidade de trabalhar como máquina, copiando automaticamente os documentos que a ele são direcionados. Logo, o que torna a enxuta narrativa de Melville perturbadora é o fato de que sua personagem não é um maquinário, mas um ser humano real reduzido à utilidade crua da produtividade, o qual foi espoliado de seus sentimentos, de seus desejos e de sua esperança (Ghirardi, 2023).

Ao trazer o conto para a sociedade contemporânea, é possível realizar uma releitura para a elaboração de um Bartleby moderno, adaptado às novas configurações de trabalho. Segundo Byung-Chul Han (2015), em sua obra *Sociedade do Cansaço*, a narrativa de Bartleby traduz-se em uma história de esgotamento, que situa a personagem em uma sociedade disciplinar, marcada por suas convenções e instituições. O sentimento de insuficiência ou de angústia frente ao fracasso ainda não fazem parte da configuração do Bartleby de Melville, visto que esses novos aspectos são próprios da sociedade do desempenho pós-moderna (Han, 2017).

De acordo com Xerxenesky (2023), o capitalismo exige dos indivíduos a aparência de estar ocupado, demonstrando produtividade. Dessa forma, o indivíduo pós-moderno apresenta-se como

---

<sup>15</sup> “This understanding of madness is based on Rush’s ideology (which functions as a kind of a priori for his “scientific” psychiatry), which sees man as a working animal. If, as Rush claimed, the only remedy for any type of mental disorder is “employment, or business of some kind,” it is because “man was made to be active [...]” The criterion of the “normal” man set up by Rush thus becomes a capitalist whose mind is healthy only to the extent that it is engaged in active commerce and public employment.”

um sujeito do desempenho e da produção, se cobrando cada vez mais para apresentar resultados, tornando-se mais rápido e mais produtivo. Han (2017) teoriza que o aumento dos transtornos psíquicos na contemporaneidade, especialmente da depressão, são consequências da sociedade do desempenho, visto que “o excesso de trabalho e desempenho se agudiza numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (Han, 2017, p. 30).

A narrativa de *Bartleby* configura-se como um verdadeiro exemplo dos efeitos que o trabalho exacerbado pode ter sobre os indivíduos, visto que ele os desumaniza e os faz aceitar o seu destino, renunciando às suas ambições. Sob essa perspectiva, o trabalho e as suas novas configurações, atrelado aos ideais da sociedade do desempenho, têm ocasionado adoecimentos psíquicos nos indivíduos pós-modernos, que se refletem nos altos índices de diagnóstico dessas patologias. Logo, a análise da enigmática personagem de Melville ultrapassa a cronologia do seu tempo, permitindo uma reflexão sobre as causas que levam a esse adoecimento, promovendo uma releitura dos traços que representam o trabalho e a vida em sociedade e como esses aspectos afetam o ser humano.

### **3 BARTLEBY PELO VIÉS DA DEPRESSÃO**

Com base no aporte teórico, iniciaremos a análise do enigmático conto de Melville sobre os efeitos da depressão ocasionados na figura de *Bartleby*. Nossa análise está dividida em quatro eixos principais separados por seções: o percurso pelo cenário, pela caracterização do protagonista, pela sua famosa frase “Prefiro não” e pelo seu fim. Dessa forma, o estudo dessas seções busca demonstrar a associação existente entre a teoria e o conto, aliado às considerações teórico-críticas dos textos de Xerxesky (2023) e de Ghirardi (2023), que buscam elucidar os aspectos da melancolia na personagem do escrivão, além de compreender como a literatura possui a capacidade de representar experiências que envolvem a complexidade humana e suas respectivas condições na sociedade.

#### **3.1 O cenário**

A composição do cenário no qual *Bartleby, the Scrivener* transcorre se apresenta como fundamental para a compreensão da personagem, uma vez que a caracterização do espaço, do trabalho e dos outros copistas que povoam a narrativa ajudam a promover uma reflexão mais

profunda sobre o protagonista e sobre a sua situação. O próprio narrador evidencia que o panorama em que Bartleby é situado durante a história constitui-se como um ponto importante para a compreensão do relato sobre o escrivão:

Para apresentar o escrivão como ele apareceu pela primeira vez diante de mim, devo tratar antes da minha pessoa, dos meus empregados, do meu negócio, das minhas instalações e do ambiente; pois um pouco dessa descrição é indispensável para uma compreensão adequada da personagem principal que será introduzida (Melville, 2023, p. 27).<sup>16</sup>

A primeira descrição que o narrador-personagem oferece é a própria, expondo-se como um advogado idoso e detentor de qualidades como a virtude e a paciência. Por mais que exercesse uma profissão conhecida por ser enérgica e vigorosa, ele relata que não possuía a ambição por reconhecimento usualmente atrelada ao seu cargo; desse modo, procurava realizar negócios confortáveis com homens ricos, trabalhando com a gestão de títulos, hipotecas e escrituras. O narrador relata que a história de Bartleby tem início quando seu trabalho aumenta de forma drástica ao ser nomeado para o cargo de procurador do Tribunal da Chancelaria, ocupação hoje extinta, sendo necessário contratar outro funcionário para auxiliar na produção das cópias dos documentos.

Após a sua própria caracterização, o narrador descreve o espaço onde se situava o seu antigo escritório, posicionado no segundo andar de um edifício qualquer em Wall Street. Segundo Rapacki (2023), o local onde a história de Bartleby é narrada é a Wall Street de meados do século XIX, um dos espaços do nascimento da securitização, onde o capitalismo financeiro, tal como o conhecemos hoje, modelou-se na Bolsa de Valores de Nova Iorque, nas corretoras e casas de hipoteca, nos bancos e nos escritórios de advocacia que a atendiam. Diante disso, Wall Street configura-se como o principal centro das instituições financeiras dos Estados Unidos, mesmo antes da Guerra Civil Americana, tornando-se o berço do capitalismo financeiro o qual o mundo hoje reconhece.

Logo, é possível perceber que desde o início a figura de Bartleby se mostra situada em um grande conglomerado urbano e capitalista, em meio a efervescência da crescente vida das cidades que se expandiam rapidamente no decorrer do século XIX. Além disso, Ghirardi (2023) evidencia que a tradução de Wall Street - Rua da Parede - amplia profundamente a metáfora que Melville se utiliza no conto, haja vista a impossibilidade de alterar a dinâmica implacável da máquina

---

<sup>16</sup> “Ere introducing the scrivener, as he first appeared to me, it is fit I make some mention of myself, my employées, my business, my chambers, and general surroundings; because some such description is indispensable to an adequate understanding of the chief character about to be presented.” (Melville, 1856, p. 1).

financeira que começava a se moldar, revelando-se indiferente às angústias dos indivíduos que a serviam cotidianamente.

Outro ponto importante durante a narrativa constitui-se como a vista das janelas de dentro do edifício: uma visão angustiante e desprovida de vida. De um lado, era possível visualizar “uma parede branca da parte interna de uma claraboia ampla, que trespassava o edifício de cima a baixo” (Melville, 2023, p. 31)<sup>17</sup>. Do outro lado, o qual será constantemente citado no decorrer da história, por ser o local onde o biombo de Bartleby fora colocado para realizar o trabalho, o advogado caracteriza como “uma visão sem obstruções de uma parede de tijolos alta, escurecida pela passagem do tempo e pela sombra constante” (Melville, 2023, p. 33)<sup>18</sup>. Dessa forma, ao empregar Bartleby, o escrivão é posicionado junto ao advogado, posto que o pequeno escritório era dividido em duas salas por uma porta de vidro que separava os escrivães do narrador,

coloquei sua escrivantina perto de uma janela lateral pequena naquela parte do cômodo, uma janela que originalmente oferecia uma vista lateral de certos quintais sujos e de tijolos, mas que, devido a construções recentes, já não ofertava vista alguma, embora trouxesse certa luminosidade (Melville, 2023, p. 61-62).<sup>19</sup>

Xerxenesky (2023) aponta que um dos primeiros e mais exasperantes sintomas de depressão que Bartleby apresenta no decorrer da narrativa é o *dead wall reveries*, devaneios em que a personagem contempla, de forma imóvel, a parede da janela. Embora a palavra *dead* (morto) seja aplicada como um adjetivo para caracterizar a parede, é possível estendê-la à figura de Bartleby, magro como um cadáver, contemplando a parede de forma inerte. O ambiente em que a enigmática personagem de Melville se situava era cercado pela falta de vida, marcado pelo automatismo do trabalho em vista do crescente capitalismo financeiro. Sendo assim, o possível adoecimento psíquico do escrivão traduz-se como uma descrença em modificar as condições de trabalho do sistema capitalista vigente, o qual começava a mostrar sua força em reduzir o homem a uma mera utilidade de máquina.

---

<sup>17</sup> “At one end they looked upon the white wall of the interior of a spacious sky-light shaft, penetrating the building from top to bottom” (Melville, 1856, p. 2).

<sup>18</sup> “an unobstructed view of a lofty brick wall, black by age and everlasting shade” (Melville, 1856, p. 2).

<sup>19</sup> “I placed his desk close up to a small side-window in that part of the room, a window which originally had afforded a lateral view of certain grimy back-yards and bricks, but which, owing to subsequent erections, commanded at present no view at all, though it gave some light” (Melville, 1856, p. 6).

Ademais, outro fator que contribui para um melhor entendimento da figura pálida do escrivão é a descrição dos demais funcionários. Turkey, Nippers e Ginger Nut configuram-se como personagens de grande relevância para a narrativa e para a caracterização do cenário, uma vez que os copistas também demonstram sintomas relacionados ao desenvolvimento de possíveis enfermidades psíquicas.

O primeiro escrivão sobre o qual o narrador discorre é Turkey, um inglês pequeno, acima do peso e perto dos sessenta anos. Turkey demonstrava-se sereno e ágil durante a parte da manhã, muito produtivo no trabalho; entretanto, depois do meio-dia, tornava-se enérgico, barulhento, exibindo uma “atividade estranha, inflamada, incessante, imprudente” (Melville, 2023, p. 37)<sup>20</sup>, manchando, muitas vezes, os documentos que copiava. O narrador relata que, em tais momentos, o rosto do escrivão ardia em chamas, fazendo barulhos desagradáveis com a cadeira e “na hora de encaixar as canetas, despedaçava-as e jogava-as no chão, com um arrebatamento súbito; levantava-se e inclinava-se sobre a mesa, golpeando os papéis da maneira mais indecorosa possível” (Melville, p.37)<sup>21</sup>.

O segundo funcionário constituía-se como Nippers, um rapaz de aparência respeitável, pálida e alta. Nippers é exposto como “vítima de duas forças malignas: a ambição e a indigestão” (Melville, 2023, p. 43)<sup>22</sup>. Demonstrava certa impaciência com os deveres de um escrivão, e sua indigestão aparecia em momentos de irritabilidade, levando seus dentes a ranger e a pronunciar xingamentos quando esse causava um erro na cópia. Sua constante insatisfação com a altura da mesa confirmava a sua frustração com as suas responsabilidades no âmbito laboral. No entanto, essas questões ocorriam no período contrário às irritações de Turkey, sempre no horário da manhã. Sua ambição traduzia-se através de negócios duvidosos que ele realizava com clientes de aparência suspeita. Apesar dessas questões, Nippers escrevia os documentos com uma caligrafia rápida e cuidadosa e comportava-se como um cavalheiro, auxiliando na manutenção da boa aparência do escritório, devido às suas roupas e às suas maneiras.

O terceiro funcionário descrito é Ginger Nut, um menino de doze anos que o pai enviara para o escritório, a fim de prepará-lo futuramente para seguir a profissão na área do direito. Ginger Nut realizava diversas tarefas, perpassando pelas atividades de um office boy, aprendiz legal e

---

<sup>20</sup> “There was a strange, inflamed, flurried, flighty recklessness of activity” (Melville, 1856, p.6).

<sup>21</sup> “in mending his pens, impatiently split them all to pieces, and threw them on the floor in a sudden passion; stood up and leaned over his table, boxing his papers about in a most indecorous manner” (Melville, 1856, p. 2-3).

<sup>22</sup> “the victim of two evil powers—ambition and indigestion” (Melville, 1856, p. 3).

faxineiro. Seu apelido designara-se a partir do bolinho redondo e condimentado que possuía o mesmo nome, visto que uma de suas tarefas era buscar esse alimento para os escrivães, uma vez que “o negócio de copiar documentos era conhecido por ser ressequido e árido” (Melville, 2023 p. 55)<sup>23</sup>, e os funcionários ansiavam por umedecer a boca enquanto realizavam as cópias.

Diante disso, a inflamação de Turkey e a irritabilidade de Nippers pode ser traduzida como uma resposta à automação do ser humano e do seu trabalho, haja vista que eles são reduzidos a máquinas produtivas de cópias de documentos, uma atividade reconhecida pelo próprio narrador como árdua e, muitas vezes, fatigante. Para realizar a tarefa de copista, é preciso que o escrivão se prive de tudo aquilo que o torna humano - tais como paixões, curiosidade intelectual e autoexpressão - considerando que esses aspectos se apresentam como empecilhos para o automatismo necessário à produção (Ghirardi, 2023).

Além disso, analisando os dois escrivães através da abordagem psicanalítica proposta por Freud, é possível enxergar sobre as suas ações coléricas a canalização de suas tendências instintuais para o mundo do trabalho, uma vez que eles buscam transformar suas repressões em atividades produtivas, contribuindo para a manutenção do implacável sistema capitalista. Contudo, ao reprimir seus instintos - tal como a agressividade e a insatisfação com o sistema que vivem - e direcioná-los para exercer essas atividades, o indivíduo sucumbe, dando origem a transtornos psíquicos, uma vez que “não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade” (Freud, 2010, p. 80). Dessa forma, ao sublimar suas pulsões em prol da civilização, o sujeito cede espaço para o desenvolvimento de patologias psíquicas.

Portanto, é em um escritório enclausurado e sombrio que o narrador de *Bartleby* supervisiona um negócio confortável entre títulos e hipotecas de homens ricos. Ajudando-o a redigir esses documentos estão os escrivães, cuja atividade extenuante é produzir cópias manuscritas de longos textos legais, sem parar, seis dias por semana, recebendo quatro centavos (cerca de US\$ 1,50 atualmente) por página de palavras copiadas corretamente (Rapacki, 2023). É através de trabalhos como esse, fatigantes e mal remunerados, que o capitalismo financeiro se expandiu e se sustentou até os dias atuais, ocasionando problemas como a alta concentração de renda, a exploração da mão de obra e a automação do ser humano.

Segundo Xerxenesky (2023), à medida que o trabalho ocupa uma parte cada vez maior da vida de uma pessoa, assim que fica perceptível que o emprego é absurdo em sua inutilidade, o vazio

---

<sup>23</sup> “Copying law papers being proverbially dry, husky sort of business” (Melville, 1856, p. 5).

de sentido se adensa e se dissemina. O autor argumenta que esse vazio, tipicamente capitalista, coloniza todas as outras áreas da vida, e é a partir desse ponto que ele surge e se espalha, com a agressividade de um câncer metastático, dando início à depressão. Desta maneira, é a partir do cenário descrito que o protagonista entra em cena para desestabilizar o narrador e todo o ambiente no qual ele se encontra, através da sua inércia e da sua passiva abdicação da própria vida.

### 3.2 O protagonista

A primeira referência que temos da figura de Bartleby ocorre logo no início do conto, uma vez que sua particularidade se configura como o fio condutor para o desencadeamento da narrativa. Sob esse viés, o narrador inicia a história realçando a diferença de Bartleby entre todos os outros escrivães, bem como a falta de informação sobre a sua vida, elucidando que todo o conhecimento que ele possui do copista, exceto um relato que aparecerá no final do conto, é tudo o que seus “olhos perplexos viram” (Melville, 2023, p. 27)<sup>24</sup>. Dessa forma, a história de Bartleby é contada a partir da experiência de um narrador não confiável, posto que durante toda a narrativa não temos a concepção do protagonista sobre as conjunturas, como demonstra o seguinte excerto:

Mas troco as biografias de todos os outros escrivães por algumas poucas passagens da vida de Bartleby, o escrivão mais esquisito que já vi ou de que já ouvi falar. Embora eu possa escrever sobre a vida inteira de outros copistas, não tenho como realizar nada do tipo quanto a Bartleby (Melville, 2023, p. 25).<sup>25</sup>

O emprego da palavra “esquisito” - no inglês *strangest* - oferece a primeira dimensão da figura do escrevente. Ambas as palavras possuem definições que convergem em seu significado: incomum, inesperado e difícil de entender (DPLP, 2024). Logo, o primeiro adjetivo que o narrador atribui a Bartleby demonstra a sua singularidade perante os outros funcionários, que será evidenciada através da narrativa. Sendo assim, a postura enigmática do escrevente é aberta a variadas interpretações, e é a partir dessa perspectiva que podemos analisá-lo sob os aspectos da depressão.

<sup>24</sup> “my own astonished eyes saw” (Melville, 1856, p. 1).

<sup>25</sup> “But I waive the biographies of all other scriveners for a few passages in the life of Bartleby, who was a scrivener of the strangest I ever saw or heard of. While of other law-copyists I might write the complete life, of Bartleby nothing of that sort can be done.” (Melville, 1856, p. 1).

Escrita em uma era pré-Freud e antes do surgimento do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), a curta narrativa de Melville fora publicada em uma época em que as agruras mentais não recebiam a mesma atenção de hoje (Xerxenesky, 2023). Descrito como um homem imóvel, com uma aparência pálida, limpa, respeitável e desamparada, Bartleby candidata-se ao cargo de escrivão no pequeno escritório em Wall Street, onde tudo que se exige dele é que copie e que atue com certa mecanicidade, devido à natureza desgastante e monótona de seu trabalho.

Sob essa lente, após uma breve entrevista, o advogado decide contratá-lo, visto que ele considera a “figura tão bem-composta” (Melville, 2023, p. 59)<sup>26</sup> de Bartleby benéfica para acalmar as irritações e humores dos demais copistas, em razão do seu temperamento calmo e passivo. Durante os três primeiros dias, o escrivão executa uma quantidade exorbitante de documentos, “como se estivesse faminto por algo para copiar” (Melville, 2023, p. 61)<sup>27</sup>, operando em turno diurno e noturno. O narrador declara que, após contratá-lo, a dedicação de Bartleby às cópias teria deixado-o satisfeito se ele demonstrasse algum sentimento no decorrer da atividade.

Bartleby escrevia de forma “silenciosa, pálida e mecânica” (Melville, 2023, p. 63)<sup>28</sup>, e a ausência de sentimento na execução das cópias reflete a perda do significado de cada ação e de cada empreendimento, traço característico do indivíduo depressivo. O automatismo pelo qual Bartleby realiza seu trabalho constitui-se como um dos sintomas descritos pelo DSM-5 prevalentes no Transtorno Depressivo Maior, em que ocorre uma marcada diminuição do prazer na realização das atividades. Solomon (2014) afirma que na depressão, a falta de significado de cada empreendimento e de cada emoção, a ausência de significado, assim como a falta de propósito na própria vida, tornam-se evidentes.

Por conseguinte, no decorrer do conto, Bartleby é solicitado para conferir a precisão de suas cópias comparando-as com os documentos originais. Essa tarefa é definida pelo próprio narrador como “monótona, cansativa e letárgica” (Melville, 2023, p. 63)<sup>29</sup>, sendo atribuição do copista realizá-la. No terceiro dia desde que o escrivão fora contratado, surgiu a necessidade de ele retirar-se do seu biombo e examinar um pequeno documento. Ao chamá-lo, o narrador esperava que, como qualquer funcionário subordinado, Bartleby se prontificasse rapidamente para realizar a atividade.

---

<sup>26</sup> “so singularly sedate an aspect” (Melville, 1856, p. 6).

<sup>27</sup> “As if long famishing for something to copy” (Melville, 1856, p. 6).

<sup>28</sup> “silently, palely, mechanically” (Melville, 1856, p. 6).

<sup>29</sup> “a very dull, wearisome, and lethargic affair” (Melville, 1856, p. 6).

Contudo, o escrivão contraria essa expectativa, “sem se deslocar de sua privacidade, Bartleby respondeu, com uma voz singularmente tranquila e firme: ‘Prefiro não.’” (Melville, 2023, p. 67)<sup>30</sup>. A partir da pronúncia dessa sentença, Bartleby demonstra de forma cada vez mais evidente seus sintomas que caracterizam um indivíduo melancólico. Após o descontentamento do advogado com a resposta “Prefiro não”, que a partir desse momento se apresentará constante na história, o narrador o observa com determinação, descrevendo a apatia do protagonista:

Seu rosto estava tranquilo; seus olhos cinzentos, uma serenidade apagada. Não era sacudido nem por uma ondinha de agitação. Se houvesse um mínimo de desconforto, raiva, impaciência ou impertinência no jeito dele, ou, em outras palavras, se tivesse qualquer coisa de ordinariamente humana nele, sem dúvida eu o teria expulsado com violência do local (Melville, 2023, p. 67-68).<sup>31</sup>

As palavras utilizadas para retratar as expressões de Bartleby, “olhos cinzentos” e uma “serenidade apagada” – no inglês *gray eye dimly calm* – demonstram a ausência de vida no protagonista. Tanto a cor “cinza” (*gray*) como a palavra “apagada” (*dimly*) traduzem-se como uma ausência de cor e de luz. O escrivão esvai-se aos poucos, renunciando a seus sentimentos e a tudo aquilo que o humaniza. A passividade do copista incomoda o narrador e a ausência de sentimentos em suas ações causa desconforto. Bartleby demonstra uma cessação de interesse pelo mundo exterior e por tudo aquilo que não seja referente a sua mecanicidade em fazer cópias.

Poucos dias depois, após ser confrontado novamente pelo advogado para conferir outra cópia, o copista responde-o da mesma forma. De acordo com o narrador, a reação dele teria sido diferente com qualquer outro homem, mas havia em Bartleby algo que o desarmava e o desconcertava. O escrivão demonstrava entender seus argumentos sobre o porquê era necessário conferir as cópias, mostrando-se plenamente ciente de todas as suas ações; no entanto, havia resignação em respondê-lo através da sua enigmática sentença. Recluso em seu eremitério *-hermitage* em inglês - palavra a ser referenciada diversas vezes ao longo da narrativa, simbolizando o espaço do biombo do escrivão em que ele se tornara isolado da sociedade, Bartleby tornara-se alheio a toda a vida e a toda atividade que o cercava além de sua principal tarefa, a de copiar. Sob essa perspectiva, depois

---

<sup>30</sup> “without moving from his privacy, Bartleby in a singularly mild, firm voice, replied, ‘I would prefer not to’” (Melville, 1856, p. 7).

<sup>31</sup> “His face was leanly composed; his gray eye dimly calm. Not a wrinkle of agitation rippled him. Had there been the least uneasiness, anger, impatience or impertinence in his manner; in other words, had there been any thing ordinarily human about him, doubtless I should have violently dismissed him from the premises” (Melville, 1856, p. 7).

da conduta incomum de seu funcionário, o narrador passa a observá-lo com mais atenção, percebendo as nuances presentes em seu comportamento, descritas no excerto a seguir:

Sua recente conduta inusitada me levou a observá-lo com mais atenção. Notei que ele nunca saía para almoçar; na verdade, não ia a lugar algum. [...] Por volta das onze da manhã, porém, percebi que Ginger Nut avançava em direção à abertura do biombo [...] O garoto saía, então, do escritório, sacudindo poucas moedas, e reaparecia com um punhado de bolinhos de gengibre que entregava no eremitério. [...] Ele sobrevive, portanto, à base de bolinhos de gengibre. Nunca come um almoço de fato. Deve ser vegetariano, mas não, nem sequer vegetais ele come, só se alimenta de bolinhos de gengibre (Melville, 2023, p. 80-81).<sup>32</sup>

É fato que um dos maiores prazeres do ser humano é a sensação de bem-estar ao comer devido à satisfação propiciada pela liberação da serotonina, um neurotransmissor que é responsável por causar essa percepção. A perda de apetite do protagonista, recusando-se a comer outros alimentos, se estabelece como mais um sintoma característico da depressão. Janeska (2018), em seu artigo intitulado *Diagnosing Bartleby*, aponta que a falta de apetite do escrivão traduz-se na ingestão de uma comida que não possui nenhum valor nutricional, contribuindo para a sua aparência doentia e para a percepção de outro indicador ligado aos aspectos de um indivíduo depressivo.

Além disso, tanto o DSM-5 quanto a descrição de Freud (1917) dos sintomas presentes em um sujeito melancólico apontam para essa questão: a perda da vontade de se alimentar. O desaparecimento desse desejo configura-se como uma privação sobre a própria vida e sobre os prazeres que a cercam. Sendo Bartleby descrito com uma aparência magra e pálida, percebe-se a ausência de uma alimentação humanamente regular em relação aos hábitos do protagonista observados pelo narrador. Mais adiante, constatamos que o escrivão não é visto bebendo café ou até mesmo tomando um chope, algo que Turkey usualmente fazia para se desligar daquele mundo automático laboral, como uma válvula de escape perante os seus problemas. Para Bartleby, viver não é mais agradável, tornou-se um fardo.

---

<sup>32</sup> “His late remarkable conduct led me to regard his ways narrowly. I observed that he never went to dinner; indeed that he never went any where. [...] At about eleven o’clock though, in the morning, I noticed that Ginger Nut would advance toward the opening in Bartleby’s screen [...] The boy would then leave the office jingling a few pence, and reappear with a handful of ginger-nuts which he delivered in the hermitage [...] He lives, then, on ginger-nuts, thought I; never eats a dinner, properly speaking; he must be a vegetarian then; but no; he never eats even vegetables, he eats nothing but ginger-nuts” (Melville, 1856, p. 9).

A recusa passiva do escrivão em realizar as tarefas além da cópia dos documentos ocasiona uma mistura de sentimentos no narrador, desde a irritação até a piedade pelo copista. De início, ele realiza a tentativa de compreender as “excentricidades” do escrivão e, ao mesmo tempo, gerar uma autoaprovação em estar fazendo o bem a um pobre coitado. No entanto, o humor do advogado alterna e a recusa de Bartleby em realizar as outras atividades acaba gerando descontentamentos. A personalidade e os aspectos que tornavam o escrivão um ser humano apresentavam-se cada vez menos presentes, sendo a ele, muitas vezes, comparado com um fantasma. Xerxenesky (2023) afirma que o caráter de Bartleby é responsável por escancarar o absurdo da vida profissional na sociedade capitalista, uma vez que é necessário o mínimo de vida para realizar as atividades e estar presente.

Ademais, durante as suas objeções, Bartleby em momento algum demonstra desrespeito, e o narrador constantemente destaca a honestidade e a vulnerabilidade do copista. A postura enigmática do pálido e jovem escrivão tornara-se algo normal no escritório, uma vez que o advogado não consegue se desvencilhar daquele frágil indivíduo:

sua determinação, sua ausência de distrações, sua laboriosidade incessante (exceto quando escolhia entrar num devaneio, parado atrás do biombo), seu grande silêncio, sua impassividade diante de qualquer circunstância o tornava uma aquisição valiosa. Havia algo primordial: ele estava sempre ali - era o primeiro de manhã, continuava ao longo do dia, e era o último à noite.” (Melville, 2023 p. 94-95)<sup>33</sup>

No excerto acima, é possível compreender o valor do ser humano reduzido apenas a sua utilidade. Freud elucida em seu ensaio *Luto e Melancolia* que o sujeito melancólico é vítima da perda de um objeto amado, essa perda ocorre de forma inconsciente, não sendo claro o motivo pelo qual sucede a absorção por parte do indivíduo. Xerxenesky (2023), na mesma direção, afirma que a depressão parece não ter origem rastreável e suga a força vital até que o sujeito pareça mais como um morto, um ser estático, o qual contempla o vazio e, aos poucos, se aliena de toda a vida em sociedade. A escolha das palavras para descrever as atitudes de Bartleby constituem-se como a demonstração de uma morte em vida. Sua “ausência” (*freedom*) de qualquer distração, seu “grande silêncio” (*great stillness*) e a sua “impassividade” (*unalterableness of demeanor*) retratam um

---

<sup>33</sup> “His steadiness, his freedom from all dissipation, his incessant industry (except when he chose to throw himself into a standing reverie behind his screen), his great, stillness, his unalterableness of demeanor under all circumstances, made him a valuable acquisition. One prime thing was this,—he was always there;—first in the morning, continually through the day, and the last at night” (Melville, 1856, p.12).

sujeito apático, que aparenta não estar mais presente, esgotado de toda a sua existência. Os devaneios em que Bartleby contempla fixamente a parede - *dead wall reveries* – assim como a sua impassividade, demonstram a incapacidade do protagonista em lutar contra esse demônio que o assola. A perda do seu objeto pode ser interpretada como a perda do seu próprio Eu e de todas as características que o definem humano.

Ao longo da narrativa, a situação do escrivão vai se tornando cada vez mais triste, considerando que o narrador descobre repentinamente em um domingo que Bartleby não deixava o escritório, encontrando-o no antigo edifício “como uma aparição, de manga arregaçadas e vestido, de modo geral, num estado precário, falando em voz baixa que sentia muito, mas estava muito ocupado naquele momento e que preferia não me deixar entrar” (Melville, 2023, p. 99)<sup>34</sup>. Nessa descrição, percebe-se que Bartleby mais uma vez é comparado com uma assombração. Calmo e com uma aparência cadavérica, o copista vai aos poucos desprendendo-se da vida.

Após constatar que a morada do protagonista era o escritório, e que no local não havia nada que transformava o pequeno ambiente parecido com uma casa, caracterizado como um lugar solitário em um “prédio desprovido de relações domésticas humanizadoras” (Melville, 2023, p. 149)<sup>35</sup>, o narrador é tomado por uma reflexão sobre a triste solidão de Bartleby,

Pela primeira vez na vida, fui dominado por um baque de melancolia. Antes, sentia no máximo uma tristeza não muito desconfortável. O laço de humanidade comum me levava, de forma irresistível, à consternação[...] pensamos que o mundo é feliz; mas a tristeza se esconde, distante, e achamos que não há infelicidade [...] A silhueta pálida do escrivão aparecia com clareza para mim, deitada, cercada de estranhos que não se importavam (Melville, 2023, p. 105-106).<sup>36</sup>

Solomon (2014) argumenta que a depressão é a doença da solidão, e qualquer pessoa que tenha sofrido com a patologia compreende que ela impõe um medonho isolamento. Bartleby se estabelece como uma personagem alheia à sociedade, distanciando-se até mesmo do seu próprio ser, como elucida o seguinte excerto:

<sup>34</sup> “he apparition of Bartleby appeared, in his shirt sleeves, and otherwise in a strangely tattered dishabille, saying quietly that he was sorry, but he was deeply engaged just then, and—preferred not admitting me at present” (Melville, 1856, p. 12).

<sup>35</sup> “a building entirely unhallowed by humanizing domestic associations” (Melville, 1856, p. 21).

<sup>36</sup> “For the first time in my life a feeling of overpowering stinging melancholy seized me. Before, I had never experienced aught but a not-unpleasing sadness. The bond of a common humanity now drew me irresistibly to gloom [...] we deem the world is gay; but misery hides aloof, so we deem that misery there is none [...] The scrivener’s pale form appeared to me laid out, among uncaring strangers” (Melville, 1856, p. 14).

Lembrei-me de que ele só falava para responder algo; que, embora tivesse bastante tempo para si nos intervalos, nunca o vira ler [...] e que por longos períodos ele ficava parado, olhando para fora, através da janela atrás do biombo, para a parede morta de tijolos. [...] se recusava a dizer quem era, de onde veio, ou se tinha algum parente no mundo. Apesar da palidez e da magreza, nunca reclamava da saúde (Melville, 2023 p. 110-111).<sup>37</sup>

Um indivíduo deprimido, isolado e vazio em seu ambiente profissional, encarando o muro de tijolos diante da janela, sem perspectiva de mudar a engrenagem que o esmagava e o consumia. Xerxenesky (2023, p.224) argumenta que o protagonista, a partir desses comportamentos, passa a enxergar “o mundo externo como uma farsa absoluta, onde todos executam gestos ridículos” e esse indivíduo deprimido não é mais capaz de participar do teatro, atuando como os outros, posto que “o ridículo do jogo que é a vida na sociedade capitalista se tornou óbvio” (Xerxenesky, 2023, p.224).

No decorrer da narrativa, a figura de Bartleby passa a suscitar pena, e o advogado constata que, por mais que tentasse ajudá-lo, “o escrivão era vítima de uma enfermidade inata e incurável. Poderia oferecer esmolas ao seu corpo, mas ele não sente dor ali; é a sua alma que sofre, e essa eu não conseguia alcançar” (Melville, 2023, p.113)<sup>38</sup>. É notável perceber que o narrador apresenta um diagnóstico certo ao refletir sobre a condição de Bartleby. O copista não estava sofrendo de uma doença visível, como um câncer ou uma tuberculose, Bartleby estava sofrendo de um adoecimento psíquico profundo, sendo o narrador incapaz de ajudá-lo, como demonstra a seguinte passagem,

Pode me dizer qualquer coisa ao seu respeito? ‘Prefiro não.’ [...] ‘Qual é a sua resposta, Bartleby?’, perguntei, após aguardar um tempo considerável, durante a qual a sua expressão permaneceu impassível. Havia apenas o mais sutil dos tremores na sua boca sem cor. ‘No momento, prefiro não dar resposta’, disse, e se retirou para o seu eremitério (Melville, 2023, p. 118-119).<sup>39</sup>

No excerto anterior, podemos constatar mais uma vez os aspectos que fazem de Bartleby um indivíduo que renuncia à vontade de viver. A sua inabalável expressão, descrita como “impassível”

<sup>37</sup> “I remembered that he never spoke but to answer; that though at intervals he had considerable time to himself, yet I had never seen him reading [...] that for long periods he would stand looking out, at his pale window behind the screen, upon the dead brick wall [...] he had declined telling who he was, or whence he came, or whether he had any relatives in the world; that though so thin and pale, he never complained of ill health” (Melville, 1856, p. 14).

<sup>38</sup> “the scrivener was the victim of innate and incurable disorder. I might give alms to his body; but his body did not pain him; it was his soul that suffered, and his soul I could not reach” (Melville, 1856, p. 15).

<sup>39</sup> “‘Will you tell me any thing about yourself?’ ‘I would prefer not to.’ ‘What is your answer, Bartleby?’ said I, after waiting a considerable time for a reply, during which his countenance remained immovable, only there was the faintest conceivable tremor of the white attenuated mouth. ‘At present I prefer to give no answer,’ he said, and retired into his hermitage” (Melville, 1856, p. 15).

(*immovable*) e a “sua boca sem cor” (*white attenuated mouth*) são aspectos que remetem à morte, considerando que a sua caracterização e o seu comportamento são constantemente atrelados a algo imóvel, refletindo a decadência do seu ser, como se sua vida estivesse sendo, aos poucos, sugada.

Além do mais, o protagonista apresenta-se irredutível quanto à tentativa do advogado em oferecê-lo ajuda. Depois de um certo período, Bartleby também cessa sua atividade em realizar as cópias, não fazendo mais nada além de encarar a parede escura e sem vida da janela. Com os seus olhos “vazios e de vidro” (Melville, 2023, p. 127)<sup>40</sup>, o escrivão abandona completamente o trabalho de copiar, tornando-se um peso morto para o escritório. Ao questioná-lo sobre a interrupção de todas as suas atividades, o narrador obtém uma resposta profunda, “O que vem a seguir?”, vociferei. ‘Não escrever mais?’ ‘Nunca mais.’ ‘E por qual motivo?’ ‘O senhor mesmo não enxerga a razão?’” (Melville, 2023, p. 127)<sup>41</sup>. Através dessa passagem, é possível constatar que o escrivão, por meio de sua resistência, recusa-se a servir o sistema, mesmo que ele não possa derrotá-lo. Parado em seu eremitério, encarando a parede de tijolos em devaneios profundos, o copista vive o seu próprio vazio, transformando-se em algo débil e que não têm forças para agir contra a melancolia que se espalha no seu ser.

Solomon (2014) destaca que, aos poucos, a depressão asfixia toda a vida do indivíduo. É esse aspecto da patologia que podemos observar ocorrendo com a personagem de Bartleby durante a narrativa, pois aos poucos, o copista vai se reduzindo até não sobrar nada que o faça querer viver. Sozinho e arruinado, em meio a um ambiente adoecido, Bartleby se recusa a deixar o escritório, fazendo com que o advogado, para se livrar do copista, mude o seu local de trabalho,

O que fazer? [...] Você não vai empurrá-lo, esse pobre, pálido e passivo mortal, você não vai empurrar uma criatura indefesa porta afora? Você não irá se desonrar ao agir com tanta crueldade? Não, não posso fazer isso. Prefiro deixá-lo viver e morrer aqui, e então cimentar seus restos mortais dentro da parede (Melville, 2023, p. 163).<sup>42</sup>

Após realizar a mudança do local do escritório, o narrador relata que nunca mais Bartleby chegara perto dele. O escrivão passara a habitar o antigo prédio como uma assombração,

<sup>40</sup> “dull and glazed” (Melville, 1856, p. 17).

<sup>41</sup> “‘what next?’ exclaimed I, ‘do no more writing?’ ‘No more.’ ‘And what is the reason?’ ‘Do you not see the reason for yourself?’” (Melville, 1856, p. 17).

<sup>42</sup> “What shall I do? [...] You will not thrust him, the poor, pale, passive mortal,—you will not thrust such a helpless creature out of your door? you will not dishonor yourself by such cruelty? No, I will not, I cannot do that. Rather would I let him live and die here, and then mason up his remains in the wall” (Melville, 1856, p. 23).

“apoiando-se no corrimão das escadas ao dia e dormindo na entrada à noite” (Melville, 2023, p. 173)<sup>43</sup>. As últimas tentativas do narrador em ajudar Bartleby também possuem o mesmo fim: respostas em enigmáticas sentenças contendo o “prefiro não”.

Freud (2013) enfatiza que a melancolia tem como característica um abatimento doloroso e a perda da capacidade de amar; logo, ela ofusca a capacidade do indivíduo de dar ou receber afeição. Bartleby não quer ser ajudado porque sua vida tornou-se sem sentido, visto que não há mais razões para viver em um mundo que o sistema vigente esmaga as pessoas até reduzi-las a máquinas desprovidas de sentimento e de afeição. Dessa forma, Xerxenesky (2023) aponta que o protagonista se constitui como uma marca da pulsão negativa, do risco em deixar se levar pelo desânimo paralisante que decorre da imersão no sistema capitalista.

### **3.3 *I prefer not to* e o vazio existencial**

Há algo inquietante na enigmática sentença de Bartleby que não se traduz apenas como uma rasa objeção. A sua passividade produtiva é caracterizada através do uso da sua própria linguagem, posto que Bartleby é capaz de nada decidir. A fórmula do copista, a qual é aberta a uma gama de significados, exprime um vazio sobre a sua própria existência. Durante a história, é possível visualizar tentativas do narrador em compreender o que está acontecendo com o escrivão, bem como tentar ajudá-lo; entretanto, ele “prefere” não aceitar. O verbo “preferir” se faz constantemente presente nas palavras do copista, traduzindo-se como a sua única escolha de fato no decorrer da narrativa,

‘Bartleby’, chamei. ‘Ginger Nut não está, você pode ir até os Correios aqui na esquina’, era uma caminhada de três minutos, ‘ver se chegou algo para mim?’ ‘Prefiro não.’ ‘Você não quer?’ ‘Eu prefiro não.’[...] ‘Vá até a sala ao lado e peça Nippers que venha até aqui.’ ‘Prefiro não’, respondeu, de forma respeitosa e lenta, e desapareceu tranquilamente (Melville, 2023, p. 89-91).<sup>44</sup>

Ghirardi (2023) argumenta que a recusa do escrivão não é traduzida em razão ou justificativa, ela não é uma ação, é uma recusa à ação, uma obstinação que faz de Bartleby um homem imóvel e a representação da própria parede morta a qual ele encara de forma determinada. O vazio presente

<sup>43</sup> “sitting upon the banisters of the stairs by day, and sleeping in Bartleby, the entry by night” (Melville, 1856, p. 24).

<sup>44</sup> “‘Bartleby,’ said I, ‘Ginger Nut is away; just step round to the Post Office, won’t you? (it was but a three minute walk,) and see if there is any thing for me.’ ‘I would prefer not to.’ ‘You will not?’ ‘I prefer not.’[...] ‘Go to the next room, and tell Nippers to come to me.’ ‘I prefer not to,” he respectfully and slowly said, and mildly disappeared” (Melville, 1856, p. 11).

na sentença e na postura de Bartleby é o que incomoda, visto que os traços de seu automatismo promovem uma desconexão com tudo que é humano. O copiar monótono é a única atividade que ele precisa realizar, não deixando espaço livre para uma iniciativa própria (Han, 2017).

A forma de subsistência – o trabalho – a qual o sistema capitalista obriga as pessoas a se submeterem constitui-se como uma possível perda de significado do próprio indivíduo. A alienação de toda a vida é o que Bartleby experimenta e é o que ele traduz através da sua própria linguagem, uma vez que escolher entre uma opção ou outra não faz mais sentido. O protagonista subtrai, aos poucos, a própria vida, e a sua recusa, expressa através das sentenças *I prefer not to/ I would prefer not to* representa a falta de iniciativa e a apatia na qual o escrevente sucumbe (Han, 2017).

Além disso, outro sintoma característico da depressão descrito pelo DSM-5 é a dificuldade para pensar ou tomar decisões. Laurentino (2015) argumenta que a indecisão é uma das manifestações da depressão responsável por causar um dos maiores problemas sociais e econômicos, visto que os indivíduos que sofrem com esse transtorno psíquico desenvolvem esse sintoma devido à forma negativa como enxergam as coisas. Ao decorrer de toda a narrativa, o *I prefer not to* do escrivão realça uma evidência dessa problemática que se acentua na patologia. O protagonista encontra-se vazio de significado, e a inexistência de sentido faz com que ele se feche a qualquer decisão ou tentativa de ajudá-lo, como demonstra o excerto a seguir:

‘Quer voltar a fazer cópias?’ ‘Não, prefiro não realizar nenhuma mudança.’ [...] ‘Bom, então, que tal viajar pelo país cobrando dívidas para os comerciantes? Isso melhoraria a sua saúde.’ ‘Não, eu preferia fazer outra coisa’ ‘Que tal viajar como acompanhante à Europa, para entreter algum jovem cavalheiro com a sua conversa? Seria do seu agrado?’ ‘De modo algum. Não parece ter nada de definido nisso. Gosto de ficar no mesmo lugar. Mas não sou exigente’ (Melville, 2023, p. 178-179).<sup>45</sup>

Logo, a sentença de Bartleby exprime não apenas a dificuldade em decidir algo, mas também a própria desmotivação do protagonista em sustentar a vida naqueles moldes. Seu movimento de recusa, o qual traduz-se através do uso da linguagem por meio da sua famosa sentença, é vista com surpresa e incompreensão porque manifesta, pela primeira vez, a expressão da vontade de Bartleby,

---

<sup>45</sup> “‘Would you like to re-engage in copying for some one?’ ‘No; I would prefer not to make any change.’[...] ‘Well then, would you like to travel through the country collecting bills for the merchants? That would improve your health.’ ‘No, I would prefer to be doing something else.’ ‘Howthenwould going as a companion to Europe, to entertain some young gentleman with your conversation,—how would that suit you?’ ‘Not at all. It does not strike me that there is any thing definite about that. I like to be stationary. But I am not particular’” (Melville, 1856, p.25).

um sujeito marcado pela ausência absoluta de desejo (Ghirardi, 2023). A perversidade por trás do sistema que o copista se encontra desencadeia um sofrimento psíquico e faz com que o copista abandone toda a sua vida, uma vez que ele se recusa a se submeter aos novos moldes de trabalho que a sociedade lhe impõe. Xerxenesky (2023) afirma que, durante o conto, é possível perceber que as enfermidades psíquicas também possuem raízes em causas coletivas e sociais. Dessa forma, é possível conectar o adoecimento psíquico de Bartleby diretamente com o cenário e com o sistema que o protagonista se encontra inserido.

### 3.4 O fim

Todas as tentativas do narrador em retirar Bartleby do escritório são falhas e a única opção que ele encontra para se livrar daquele “pesadelo” é mudar-se do antigo edifício. Bartleby tornara-se um peso morto ao deixar de copiar, e mantê-lo no lugar não era mais viável, haja vista que os colegas de trabalho que visitavam o ambiente mostravam-se perplexos em relação ao escrivão que nada copiava e que apenas ocupava um espaço na sala, como elucida o seguinte excerto,

Por fim, fiquei sabendo que no meu círculo de colegas de profissão corria um murmúrio de assombro com a estranha criatura que eu mantinha em meu escritório. Isso me preocupava muito [...] deixando minhas visitas perplexas, manchando minha reputação profissional, dando um ar desolador ao local (Melville, 2023, p. 160-161).<sup>46</sup>

Após a decisão do narrador em mudar o seu local de trabalho, ele deixa Bartleby “como o ocupante imóvel de um cômodo vazio” (Melville, 2023, p.15). Solitário e desamparado, o escrivão permanece no mesmo lugar, recusando-se a deixar o seu antigo ambiente laboral, mesmo que ali não tivesse mais nada, apenas o profundo vazio da sua existência. A solução que o proprietário do prédio assume é chamar a polícia para levar o inocente homem para a cadeia, considerando a sua oposição em deixar o edifício. O advogado relata que “o pobre escrivão, quando lhe disseram que seria conduzido à cadeia, não ofereceu a menor resistência, mas à sua maneira pálida e imóvel concordou em silêncio” (Melville, 2023, p. 185)<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> “At last I was made aware that all through the circle of my professional acquaintance, a whis per of wonder was running round, having reference to the strange creature I kept at my office. This worried me very Much[...] and perplexing my visitors; and scandalizing my profes sional reputation; and casting a general gloom over the premises” (Melville, 1856, p. 22).

<sup>47</sup> “the poor scrivener, when told that he must be conducted to the Tombs, offered not the slightest obstacle, but in his pale unmoving way, silently acquiesced” (Melville, 1856, p. 26).

A figura calma e passiva de Bartleby é levada para um local denominado *Tombs* (túmulos), referindo-se à prisão a qual ele foi encaminhado após ser detido. Diante deste triste cenário, o último encontro entre o narrador e o protagonista ocorre após o primeiro receber uma carta sobre o destino do copista. Ao encontrá-lo na prisão, vagando livremente pelo local, devido à sua índole serena e inofensiva, Bartleby estava “parado, sozinho, no mais silencioso dos pátios, com o rosto virado para um muro elevado” (Melville, 2023, p. 187)<sup>48</sup>. Sob essa perspectiva, Han (2017) argumenta que o muro no decorrer da história sempre vem associado com a ideia de morte; desse modo, o escrevente agora contempla, solitário e impassível, a sua última parede.

Após abordar Bartleby, o narrador exerce a sua última tentativa em oferecer ajuda, contratando o Sr. Cutlets, conhecido como “o cara do rango”, sujeito responsável por fornecer de maneira ilegal melhores refeições para os detentos. Contudo, ao apresentar o pálido escrivão ao Sr. Cutlets, Bartleby responde, “prefiro não jantar hoje [...] não seria agradável para mim. Não estou acostumado com jantares” (Melville, 2023, p. 193)<sup>49</sup>, movendo-se lentamente para o outro lado e contemplando o muro vazio e sem vida. Dessa forma, o escrivão utiliza a sua famosa recusa mais uma vez, resignando-se ao seu próprio fim.

Alguns dias depois da primeira visita, o advogado retorna à prisão para procurar Bartleby. Como da última vez, ele é informado que o pálido e taciturno escrivão estava no silencioso pátio; entretanto, ao adentrar o local, o narrador reencontra o copista, mas dessa vez deitado sobre uma pedra e imóvel para sempre,

com os joelhos recolhidos, deitado de lado, a cabeça tocando as pedras gélidas, vi o abatido Bartleby. Mas não fazia um movimento sequer [...] curvei-me sobre ele e vi que seus olhos fracos estavam abertos. [...] Senti sua mão, quando um arrepió subiu pelo meu braço e desceu pela coluna até os pés (Melville, 2023, p. 197).<sup>50</sup>

Bartleby apresenta seu último e mais desesperado sintoma que caracteriza um indivíduo depressivo: o suicídio. Em seu ensaio *Luto e Melancolia* (1917), Freud argumenta que a instância crítica presente no indivíduo melancólico pode tornar-se implacável e direcionar o sujeito a uma autopunição, podendo chegar a motivar a própria morte. Dessa forma, o possível transtorno

---

<sup>48</sup> “standing all alone in the quietest of the yards, his face towards a high wall” (Melville, 1856, p. 27).

<sup>49</sup> “‘I prefer not to dine to-day,’ [...] ‘It would disagree with me; I am unused to dinners.’ (Melville, 1856, p. 28)”.

<sup>50</sup> “his knees drawn up, and lying on his side, his head touching the cold stones, I saw the wasted Bartleby. But nothing stirred. I paused; then went close up to him; stooped over, and saw that his dim eyes were open [...] Ifelt his hand, when a tingling shiver ran up my arm and down my spine to my feet.” (Melville, 1856, p. 29).

psíquico atrelado a Bartleby faz com que o protagonista escolha padecer por inanição, posto que ele prefere não comer.

Depois da morte do copista, o narrador revela a sua única informação sobre o pobre indivíduo. Bartleby havia sido funcionário da “Seção de Cartas Mortas de Washington, de onde foi repentinamente exonerado após uma mudança de gestão” (Melville, 2023, p.201)<sup>51</sup>. A denominação “cartas mortas” constituía-se como o nome das cartas que eram extraviadas e levadas às chamas, com o objetivo de serem destruídas. O narrador argumenta, através de uma breve reflexão, sobre o dano que esse trabalho pode ter ocasionado ao copista, uma vez que Bartleby era um “homem propenso por sua natureza ou pela má sorte à pálida desesperança” (Melville, 2023, p. 201)<sup>52</sup>, sendo ele incumbido de levar esses recados que, muitas vezes, transmitiam vida e esperança, diretamente para a morte (as chamas).

Sendo assim, a narrativa do pálido e imóvel escrivão finaliza com o seguinte excerto: “Ah, Bartleby! Ah, humanidade!” (Melville, 2023, p.201). Sob esse viés, Han (2017) argumenta que “em meio às tumbas (*tombs*) Melville deixa surgir uma minúscula semente de vida, mas frente à massiva desesperança” (Han, 2017, p. 65). O narrador, ao avistar Bartleby pela última vez, deitado, imóvel e sozinho no pátio da prisão, descreve que “um gramado suave e preso crescia” (Melville, 2023, 197)<sup>53</sup> sob os seus pés, em razão de uma estranha mágica, pois “sementes largadas por pássaros tinham brotado por entre as fendas” (Melville, 2023, p. 197)<sup>54</sup> dos rígidos blocos de cimento que compunham o chão do local. Assim, Melville nos promove uma reflexão que, mesmo em meio ao duro concreto de edifícios colossais e de paredes de tijolos sombrias, ainda há uma pequena esperança para a vida.

A falta de uma existência significativa faz com que Bartleby termine a sua vida sozinho, em meio à sua própria desolação. Seu fim é trágico e profundamente triste; no entanto, o conto traduz-se em uma história de como o trabalho exacerbado e mecânico tem um grande potencial de afetar a vida dos seres humanos, ocasionando o desenvolvimento de transtornos psíquicos que podem culminar na perda de sentido da própria vida e, muitas vezes, na vontade de extingui-la.

---

<sup>51</sup> “in the Dead Letter Office at Washington, from which he had been suddenly removed by a change in the administration” (Melville, 1856, p. 29).

<sup>52</sup> “a man by nature and misfortune prone to a pallid hopelessness” (Melville, 1856, p. 29).

<sup>53</sup> “a soft imprisoned turf grew under foot” (Melville, 1856, p.28).

<sup>54</sup> “through the clefts, grass-seed, dropped by birds, had sprung” (Melville, 1856, p.28).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pequena narrativa de Herman Melville nos proporciona diversas reflexões sobre o seu protagonista e sobre as suas condições, uma vez que *Bartleby* apresenta-nos um possível caso de um transtorno psíquico que permeia profundamente a nossa sociedade nos dias atuais: a depressão. Sob essa perspectiva, compreender as causas coletivas e sociais que corroboram para o desenvolvimento dessa patologia configura-se como essencial para o entendimento das consequências que essa doença pode acarretar nos indivíduos. O conto de *Bartleby* poderia ser apenas mais uma narrativa que retrata as implicações do trabalho em uma sociedade capitalista do século XIX; entretanto, Xerxenesky (2023) afirma que a melancolia de *Bartleby* tornou-se uma epidemia na contemporaneidade, uma vez que o capitalismo e os seus novos moldes têm-se demonstrado cada vez mais complexos. Sob esse viés, o conto de Melville continua ecoando em nossa sociedade, fazendo-nos refletir até que ponto esses aspectos nos transformam em seres desprovidos de tudo aquilo que nos torna humanos.

Desde a primeira leitura que realizei do conto, a personagem de *Bartleby* me cativou a atenção, haja vista a sua postura passiva mediante a objeção de suas obrigações como funcionário. O protagonista, através da sentença *I prefer not to*, somada à ausência da perspectiva do próprio personagem sobre os acontecimentos, visto que o conto é narrado através de um narrador-personagem, promove espaço para múltiplas interpretações sobre os motivos que o levaram a esse comportamento. A escolha do *corpus* da minha pesquisa constituiu-se em analisar *Bartleby* pelo aspecto da depressão, destacando as possíveis causas e implicações que contribuíram para o desenvolvimento dessa patologia no escrivão.

O significativo aumento de diagnósticos de depressão na atualidade, especialmente quando analisamos um recente cenário pós-pandêmico, é assustador. Sempre demonstrei interesse em compreender os motivos pelos quais nossa sociedade está se tornando doente, uma vez que a depressão, juntamente com outros transtornos psíquicos como a ansiedade, constituem-se como patologias cada vez mais presentes no nosso cotidiano, seja por meio de nossas próprias experiências ou pelas de pessoas próximas. Nesse âmbito, realizar a leitura de *Bartleby, the Scrivener*, juntamente com o apoio de obras de cunho literário, filosófico e científico que abordam essa temática, proporcionou-me uma profunda reflexão sobre as causas coletivas e sociais da

doença. Logo, a leitura do conto, juntamente com as demais obras, revelou-se elucidativa para uma melhor compreensão da obra de Melville e do cenário que a envolve.

Analisar o contexto histórico-literário no qual a obra se insere constituiu-se como fundamental para uma maior compreensão da narrativa, uma vez que as transformações que perpassava a sociedade estadunidense durante o *Antebellum Period* proporcionaram profundas mudanças no corpo social e na produção literária da época. Além do mais, a ascensão do capitalismo financeiro, atrelado ao automatismo dos indivíduos mediante a Revolução Industrial, provocaram consequências significativas para a população, que refletem intensamente na classe trabalhadora até os dias atuais. Melville explora profundamente em seu protagonista os efeitos do modelo de trabalho advindo com essas transformações - monótono e repetitivo - que o leva a abandonar a sua própria humanidade e entregar-se a um vazio existencial.

Nesse sentido, com base no já citado pensamento de Solomon, em sua obra *O Demônio do meio-dia* (2010), interpretar a depressão como uma doença exclusiva do homem moderno é um erro grosseiro, uma vez que entender a história da doença é compreender a invenção do ser humano como o conhecemos. Sob esse viés, o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) propiciou um maior conhecimento sobre os sintomas que acompanham o diagnóstico do Transtorno Depressivo Maior. Além disso, Sigmund Freud, através de seu ensaio *Luto e Melancolia* (1917) e em seu texto *O Mal-estar na civilização* (1930) ajuda-nos a refletir sobre como os aspectos sociais interferem na vida dos seres humanos a ponto de lhes causar um adoecimento psíquico. Por conseguinte, Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2016), destaca as diferenças existentes entre o Bartleby de Melville e os indivíduos pós-modernos, que vivem em uma sociedade marcada pelo desempenho e pela produção exacerbada, aspectos que ele teoriza como motivos que contribuem para o aumento dos distúrbios mentais em nosso corpo social. Além disso, os ensaios de Antônio Xerxenesky (2023) e de José Garcez Ghirardi (2023) presentes no *corpus* crítico, os quais promovem uma visão profunda sobre o comportamento de Bartleby e sobre a análise do cenário em que o protagonista se encontra, mostraram-se fundamentais para o embasamento dos conceitos e argumentos presentes nesta monografia.

Diante disso, os conceitos e as ideias abordados nos referenciais teóricos auxiliaram-me para o embasamento da análise do protagonista pelo viés depressivo. O percurso investigativo realizado através do cenário, da caracterização do protagonista, pela sua sentença (*Prefiro não/I prefer not to*) e pelo seu fim ajudam a concluir que Bartleby apresenta-se como um ser extremamente

adoecido, influenciado pela sociedade que o cerca e sem a possibilidade de alterá-la. Contemplando a parede da janela de forma inerte, o escrivão vai aos poucos entregando-se a um vazio existencial que adensa toda a sua alma, privando-se de toda a vida e resignando-se ao seu próprio fim.

Infelizmente, a melancolia de Bartleby não é isolada, uma vez que ela ainda continua ressoando na contemporaneidade através de novas formas e de novos moldes. O fim do enigmático protagonista nos promove uma reflexão a respeito do trabalho e das relações sociais existentes nesse âmbito, que continuam a impactar a saúde mental dos indivíduos, posto que Bartleby nos faz questionar: “de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só podemos saudar a morte como uma redenção?” (Freud, 2010, p. 47).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5®*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARSIC, Branka. *Passive Constitutions, or, 7 ½ Times Bartleby*. Stanford, California. Stanford University Press, 2007.
- BERMAN, Harold J. *The Impact of the Enlightenment on American Constitutional Law*. Yale Journal of Law and Humanities, 1992.
- BROWN, Solyman. *An essay on American poetry, with several miscellaneous pieces on a variety of subjects: Sentimental, Descriptive, Moral and Patriotic (1818)*. Kessinger Publishing, 2010.
- CALDIERARO, Marco A.; MOSQUEIRO, Bruno P.; FLECK, Marcelo P. de A. *Transtornos Depressivos*. In: Tratado de psiquiatria da associação brasileira de psiquiatria. Porto Alegre: ArtMed, 2021. E-book. ISBN 9786558820345. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558820345/>. Acesso em: 03 set. 2024.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*; tradução Nilson Moulin. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSER, Orlando. *Depressão: clínica, crítica e ética*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- DICIONÁRIO PRIBERAM. [S.l.: s.n.], 2024. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dicionario>. Acesso em: 17 set. 2024.
- EVELEV, John. *Herman Melville's Moby-Dick (1851)*. Berlin e Boston: De Gruyter, 2021.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*; tradução Marilene Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*; tradução Paulo César de Souza. 9. ed. edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GHIRARDI, José Garcez. *O vasto horizonte, a parede em frente*. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.
- GILJE, Paul A. *The Rise of Capitalism in the Early Republic*. Journal of the Early Republic, vol. 16, p. 159–81, 1996.
- GREENBLATT, Stephen. *The Norton Anthology of English Literature*. Vol. 2. 8. ed. Nova Iorque e Londres: W. W. Norton Company, 2006.

HABICH, Robert D.; NOWATZKI, Robert C. *Romanticism and Transcendentalism*. 1. ed. Nova Iorque, Facts on File, 2010.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*; tradução de Enio Paulo Gianecchini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JANESKA, Martina. *Diagnosing Bartleby*. Methodius University of Skopje, 2018.

LAURENTINO, Silvia Gomes. *Tomada de Decisões em Pacientes Deprimidos: Estudo Eletrofisiológico*. Recife: UFPE, 2015.

LERNER, Debra. *Unemployment, Job Retention, and Productivity Loss among Employees with Depression*. *Psychiatric Services*, v. 55, n. 12, p. 1371-1378, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.ps.55.12.1371>. Acesso em: 04 set. 2024.

LEVINE, Robert S. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. 2. 9. ed. Nova Iorque e Londres: W. W. Norton Company, 2016.

MAMEDE, Juliana Maria Borges. *A liberdade e a propriedade em John Locke*. Pensar, Fortaleza, p. 104-113, 2007.

MAXWELL, D. *Herman Melville*. *Encyclopedia Britannica*, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Herman-Melville>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MELVILLE, Herman. *Moby-Dick*. 1. ed. Massachusetts. Gutenberg Project, 2008.

MELVILLE, Herman. *Moby-Dick*; tradução Rogerio W. Galindo. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, The Scrivener: A Story of Wall Street*. 1. ed. Dix e Edwards, 1856.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*; tradução Antônio Xerxenesky. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.

NIETZSCHE, Friederich. *A Gaia Ciência*; tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Depressão*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 04 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde mental no local de trabalho*. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/teams/mental-health-and-substance-use/promotion-prevention/mental-health-in-the-workplace>. Acesso em: 15 set. 2024.

RAPACKI, Kristina. *Right to refuse: Bartleby the Scrivener*. *The Architectural Review*, 2023. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/right-to-refuse-bartleby-the-scrivener>. Acesso em: 12 set. 2024.

RODGERS, Daniel T. *The Work Ethic in Industrial America*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2014.

The Industrial Revolution in the United States. Library of Congress, 2023. Disponível em: <https://www.loc.gov/classroom-materials/industrial-revolution-in-the-united-states/>. Acesso em: 05 set. 2024.

THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*; tradução André Czarnobai. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

THOREAU, Henry David. *Civil Disobedience*. 1. ed. Utah: Libertas Press, 2014.

SILVA, João Carlos da. *Educação e alienação em Marx: contribuições teórico metodológicas para pensar a história da educação*. Revista HISTEDBR, Campinas, n.19, p.101 - 110, set. 2005.

SOLOMON, Andrew. *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*; tradução Myriam Campello. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

XERXENESKY, Antônio. *Ah, humanidade....* 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*; tradução José Marcos Mariani de Macedo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.